



Sasop

Difusão de Princípios e Práticas
Agroflorestais no Baixo Sul da Bahia

Presidência da República

Presidente: Luiz Inácio Lula da Silva

Vice-presidente: José Alencar Gomes da Silva

Ministério do Meio Ambiente

Ministra: Marina Silva

Secretaria de Coordenação da Amazônia

Secretária: Muriel Saragoussi

Secretaria de Políticas para o Desenvolvimento Sustentável

Secretário: Gilney Viana

Departamento de Agroextrativismo e Desenvolvimento Sustentável

Diretor: Jorg Zimmermann

Programa Piloto para Proteção das Florestas Tropicais

Coordenadora: Nazaré Soares

Catálogo na Fonte

Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

S252 Sasop: difusão de princípios e práticas agroflorestais no Baixo Sul da Bahia / Sasop.

— Brasília: MMA, 2006.

50 p. : il. color. ; 27,5cm. (Série Sistematização, v. III)

ISBN 85-7738-004-1

I. Comunidade (Sociologia). 2. Agricultura sustentável. 3. Agroecologia.
I. Secretaria de Desenvolvimento Sustentado - SDS. II. Subprograma Projetos
Demonstrativos - PDA. III. Serviço de Apoio às Organização Populares Rurais - Sasop.
IV. Ministério do Meio Ambiente. V. Título. VI. Série.

CDU (2.ed.)631:502



EXPEDIENTE

Subprograma Projetos Demonstrativos – PDA

Secretário-Técnico: Jorg Zimmermann

Secretária-Técnica Adjunta: Anna Cecília Cortines

Equipe Técnica: Demóstenes de Moraes, Elmar Castro, Isis Lustosa, Klinton Senra, Maurício Barbosa Muniz, Odair Scatolini, Rodrigo Noletto, Silvana Bastos e Zaré Brum Soares. Estagiárias: Rafaela Silva de Carvalho e Yandra Fontes Bastos.

Equipe Financeira: Cláudia Alves, Luiz Henrique Marciano e Nilson Nogueira

Equipe Administrativa: Eduardo Ganzer, Francisca Kalidaza, Mariza Gontijo e Neide Castro

Cooperação Técnica Alemã, GTZ: Denise Lima Pufal, Margot Gaebler e Monika Grossmann

Cooperação Financeira: República Federal da Alemanha – KfW, União Europeia – CEC, Rain Forest Trust Fund – RFT, Fundo Francês para o Meio Ambiente Mundial – FFEM

Cooperação Técnica: Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD, Projeto BRA/03/009. Agência Alemã de Cooperação Técnica, Deutsche Gesellschaft für Technische Zusammenarbeit (GTZ) GmbH

Agente Financeiro: Banco do Brasil

Equipe de sistematização:

Do MMA: Anna Cecília Cortines, Célia Chaves, Gilberto Nagata, Mara Vanessa Dutra (PDA); Denise Lima (GTZ/PDA); Alice Guimarães (AMA/PPG7).

Consultoras: Elza Falchembach (Universidade de Ijuí), Ladjane Ramos e Maristela Bernardo.

Dos projetos: Adelição Jacinto, Adriana Felipim, Alexandre Chaves, Alexandre Oliveira, Ana Bonfim, Daniela Nart, Edivânia Duarte, Elias da Silva Santos, Francisco Colli, José Domingos Barra, Joseilton Sousa, José Kuticoski, José Roberto Xavier, Luana Carvalho, Luciano Paixão, Luzia Aparecida Pinheiro, Marcelo Paranhos, Maria Bernadete Franceschini, Márcia Neves, Maria Thereza Sopena Stradmann, Marinete Silva, Raimundo Pureza.

Equipe de sistematização do SASOP: Ana Celsa Bonfim, Luana Carvalho, Luciano Lima da Paixão, Marcelo Galassi de Freitas Paranhos

Participaram da Sistematização: agricultores e agricultoras das comunidades da Pimenteira, Marimbondo, Dandara, Tabela e Garcia, lideranças do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Camamu e técnicos da Ceplac.

Elaboração de texto: Marcelo Galassi de Freitas Paranhos

Copidesque e edição de texto:

Mara Vanessa Dutra e Denise Lima Pufal

Revisão ortográfica: Roberto Harfush Midlej

Projeto Gráfico:

Masanori Ohashy (Idade da Pedra Produções Gráficas)

Fotos: Acervo PDA, acervo SASOP e Masanori ohashy

Apresentação

Apresentamos, por meio desta série, algumas histórias que falam de saberes, de vidas, de gente construindo formas mais sustentáveis de convivência com o meio ambiente. Essas histórias contam com o apoio do PDA – Subprograma Projetos Demonstrativos, parte do Programa Piloto para a Proteção das Florestas Tropicais do Brasil, do Ministério do Meio Ambiente.

Ao longo de seus dez anos de vida, o PDA apoiou e apoiou cerca de 320 projetos na Amazônia e na Mata Atlântica. A história do PDA – as histórias dos projetos apoiados pelo Subprograma – tem demonstrado que há um acúmulo de conhecimento sendo gerado pelas comunidades e organizações de produtores familiares, criando e testando novas tecnologias e sistemas de produção sustentável. Há um saudável diálogo entre conhecimento tradicional e novas informações, apontando perspectivas viáveis que, em alguns casos, já saem do limite do “demonstrativo” e passam a fazer parte de políticas públicas locais e regionais. Importante lembrar que, o que para o poder público é valorizado por seu potencial demonstrativo, para os produtores e comunidades envolvidos é a vida real – sua vida, sua sobrevivência.

As histórias desta série são narradas pelos próprios grupos envolvidos nos projetos apoiados pelo PDA. As narrativas são resultado de um processo de sistematização de experiências, cujo desafio maior é aprender com as práticas, fazendo, destas, objeto de conhecimento. Em um projeto piloto realizado entre julho de 2003 e março de 2004, onze iniciativas apoiadas pelo PDA sistematizaram alguns aspectos de suas práticas. O resultado são onze histórias reais, contadas por muitas vozes, tecendo narrativas cheias de vida, reflexão, descobertas, aprendizados.

Cada grupo ou comunidade contou sua história de seu jeito. Para isso, criou momentos e instrumentos, experimentou metodologias, fez caminho ao andar. Os textos da série revelam essa experimentação metodológica, mantendo as estruturas e narrativas criadas por cada grupo envolvido. Como na vida, os textos das sistematizações não seguem um único roteiro, mas inventam seus próprios mapas narrativos.

O PDA com alegria apresenta essas histórias de saberes, de gentes, de vidas, com o desejo de estar contribuindo para demonstrar caminhos possíveis para políticas públicas mais adequadas à produção familiar, às comunidades tradicionais e ao meio ambiente.

Jorg Zimmermann

Secretário Técnico PDA

Brasília, fevereiro de 2006

Sumário



Introdução 6

O Sasop e a origem da experiência 8

Contexto em que foi desenvolvida a experiência 12

A trajetória da experiência 16

Descobrimo novos caminhos 24

As formas de disseminação do conhecimento local 32

O processo de disseminação/difusão 38

O processo de sistematização 40





Conclusões, Aprendizados
e Recomendações

44

ANEXOS

■ ANEXO 1
Sasop: breve histórico

48

■ ANEXO 2
Dados de monitoramento participativo
da experiência

50

■ ANEXO 3
Boletins “Histórias da Agricultura Familiar”





Introdução

A experiência sistematizada é de "Difusão de práticas e princípios agroflorestais no Baixo Sul da Bahia" e o foco da sistematização está centrado nas estratégias de disseminação adotadas pelo Serviço de Apoio às Organizações Populares Rurais - Sasop e parceiros, no contexto da implementação de um projeto apoiado pelo Subprograma Projetos Demonstrativos - PDA, do Programa Piloto para a Proteção das Florestas Tropicais do Brasil, Ministério do Meio Ambiente.

O objetivo da sistematização foi promover um processo de reflexão coletiva sobre as estratégias de disseminação de Sistemas Agroflorestais - SAFs ao longo da experiência, que pudesse reorientar a nossa prática, além de estimular uma troca de experiências entre os agricultores experimentadores.



O processo de sistematização aconteceu no período entre julho de 2003 e fevereiro de 2004 e envolveu várias ações. Para fazer a reconstituição da experiência, os agricultores reconheceram as suas comunidades e as suas experiências individuais a partir da observação de um conjunto de fotos tiradas ao longo do tempo. Outros momentos importantes foram: a construção da narrativa; a sistematização simplificada de experiências individuais; a troca de experiências entre os agricultores; e a análise da narrativa construída.

A sistematização simplificada se deu por meio de visitas a dez experiências de manejo de sistemas agroflorestais. Trabalhamos com um roteiro de questões, a partir das quais as famílias contavam um pouco da sua experiência e da sua história de vida. Foram produzidos dez boletins² sobre essas histórias, utilizados pelos agricultores experimentadores durante a oficina de troca de experiências e análise da narrativa.

Os momentos coletivos foram oficinas e mini-seminários em que os agricultores experimentadores e as lideranças refletiam sobre a prática, trocavam suas experiências e tiravam lições do processo. Participaram destes momentos, agricultores experimentadores, lideranças, técnicos do Sasop e de organizações parceiras.

¹ Partindo de um problema que afeta seus cultivos e criações, um agricultor-experimentador (A/E) é aquele que tem uma idéia sobre qual pode ser a causa deste problema e que decide provar algo para solucioná-lo. Todo agricultor é por princípio um experimentador. É preciso estimular o "espírito inovador" dos agricultores. (Fonte Texto AS-PTA)

² Os boletins fazem parte desta publicação, em anexo.

O processo de sistematização foi coordenado pela equipe do Sasop e teve como referência as seguintes perguntas orientadoras:

1. Como o conhecimento em manejo agroflorestal foi sendo gerado ao longo da experiência?
2. Qual tem sido o papel do Sasop, dos agricultores e de suas organizações no processo de geração do conhecimento em manejo agroflorestal?
3. Quais os espaços e mecanismos de socialização de conhecimentos utilizados pelos agricultores?
4. Quais os instrumentos e as formas de comunicação utilizados pelos agricultores?
5. Quais instrumentos inovadores o Sasop tem trazido para dentro do processo de construção do conhecimento agroflorestal?
6. Quais fatores impediram ou dificultaram a disseminação do conhecimento sobre o manejo agroflorestal?
7. Que elementos motivaram os agricultores a incluir o componente arbóreo e as práticas agroflorestais nos seus sistemas?
8. De que maneira a visão sistêmica da propriedade impulsionou o processo de disseminação dos princípios e práticas agroecológicas/agroflorestais?
9. Quais foram os princípios agroecológicos/agroflorestais que foram apropriados e disseminados pelos agricultores?

o Sasop e a origem da experiência

O Sasop - Serviço de Assessoria a Organizações Populares Rurais - é uma Organização Não-Governamental criada em 1989, cujo objetivo maior é contribuir na construção de um modelo de desenvolvimento rural sustentável nos aspectos social, econômico, cultural e ambiental, tendo como opção estratégica o fortalecimento da agricultura familiar e a promoção da agroecologia.

Para a concretização dessa missão, três objetivos estratégicos norteiam o processo de trabalho da entidade, a ser atingidos a longo prazo:

1. Promover a agricultura familiar em bases agroecológicas como modelo alternativo de desenvolvimento rural no Brasil.
2. Fortalecer as organizações de agricultores e agricultoras familiares, garantindo sua autonomia e capacidade na proposição de políticas públicas voltadas para o desenvolvimento rural sustentável.
3. Promover o desenvolvimento institucional do Sasop, visando consolidar sua base social e garantir maior legitimidade e credibilidade diante da opinião pública.

Na prática, o Sasop trabalha com três programas: Programa de Desenvolvimento Institucional, Programa de Desenvolvimento Local do Semi-Árido e Programa de Desenvolvimento Local da Mata Atlântica. A experiência de que vamos tratar neste documento refere-se ao programa da Mata Atlântica³.

³ Mais informação sobre o Sasop no anexo 1.

Como tudo começou

No início de 1992, no trabalho de “Mapeamento de Experiências Agroecológicas da Bahia”, promovido pela Secretaria do Meio Ambiente da Presidência da República - Semam/PR, o Sasop conheceu e sistematizou a experiência em agrossilvicultura do agricultor/pesquisador Ernst Gotsch, considerada uma das mais bem sucedidas práticas de manejo sustentável do ecossistema Mata Atlântica. A partir de então, foram iniciadas discussões com a AS-PTA⁴ e Terra Viva⁵ sobre uma proposta de trabalho com sistemas agroflorestais na região sul da Bahia. A idéia original era que a AS-PTA, com a criação do Centro de Formação em Agrofloresta (CFA-Jatobá) em Pirai do Norte (BA), teria o papel de sistematizar a experiência de Ernst, experimentar desenhos mais adaptados à realidade da agricultura familiar e capacitar técnicos e agricultores em agrofloresta. O Sasop teria o papel de adaptar e difundir os sistemas agroflorestais consolidados para a agricultura familiar da região do Baixo Sul da Bahia, enquanto o Terra Viva faria o mesmo na região do Extremo Sul da Bahia.

⁴ AS-PTA – Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa – é uma ONG parceira na Articulação Nacional em Agroecologia (ANA), e que também contou com apoio do PDA

⁵ Terra Viva – Centro de Desenvolvimento Agroecológico do Extremo Sul da Bahia – é uma ONG parceira do movimento agroecológico na Bahia, e também teve apoio do PDA. Naquela época, 1992, o Terra Viva estava ainda em formação.



A intervenção do Sasop no ecossistema da Mata Atlântica, desenvolvida na região do Baixo Sul da Bahia pelo Programa de Desenvolvimento Local da Mata Atlântica - PDL-MA, partiu das demandas apresentadas pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Camamu e Igrapiúna para a construção de alternativas sustentáveis de produção agrícola em meio à crise da lavoura cacaueteira. Um convênio com o Ministério do Meio Ambiente viabilizou a implantação, em Camamu, do Projeto Demonstrativo - PDA: "Manejo Sustentável de Sistemas Agroflorestais Biodiversificados no Ecossistema da Mata Atlântica". O projeto foi iniciado em janeiro de 1997, em parceria com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais - STR de Camamu e Igrapiúna, Associações Comunitárias e com a cooperação técnica da Ceplac⁶, envolvendo inicialmente um total de 60 famílias distribuídas em quatro comunidades rurais (Pimenteira, Marimbondo, Tabela e Garcia). Era o início do Programa de Desenvolvimento Local da Mata Atlântica do Sasop.



Objetivos Iniciais da Experiência

- Garantir a recuperação e conservação ambiental;
- Difundir a experiência de sistemas agroflorestais biodiversificados de modo a garantir sua irradiação municipal e regional;
- Melhorar o beneficiamento e a comercialização dos produtos da agricultura familiar, em especial das frutas provenientes dos sistemas agroflorestais;
- Fortalecer as associações comunitárias por meio da capacitação das suas diretorias em gestão.

⁶ Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueteira – Órgão Federal responsável pela Pesquisa Agrícola e Extensão Rural na região Sul da Bahia.

Em 2000, o Programa de Desenvolvimento Local da Mata Atlântica ampliou-se e passou a incorporar as dimensões da segurança alimentar e do manejo dos recursos florestais na propriedade. A experimentação com sistemas agroflorestais passou a incluir, como elemento estratégico, a produção e utilização de alimentos e o manejo do componente florestal para produção de energia dentro dos sistemas agroflorestais desenvolvidos. As dimensões ambiental, social, econômica e cultural passaram a se articular no processo de experimentação e na análise da sustentabilidade dos sistemas agroflorestais.

Com a reformulação do Programa de Desenvolvimento Local em 2001, os objetivos passaram a ser:

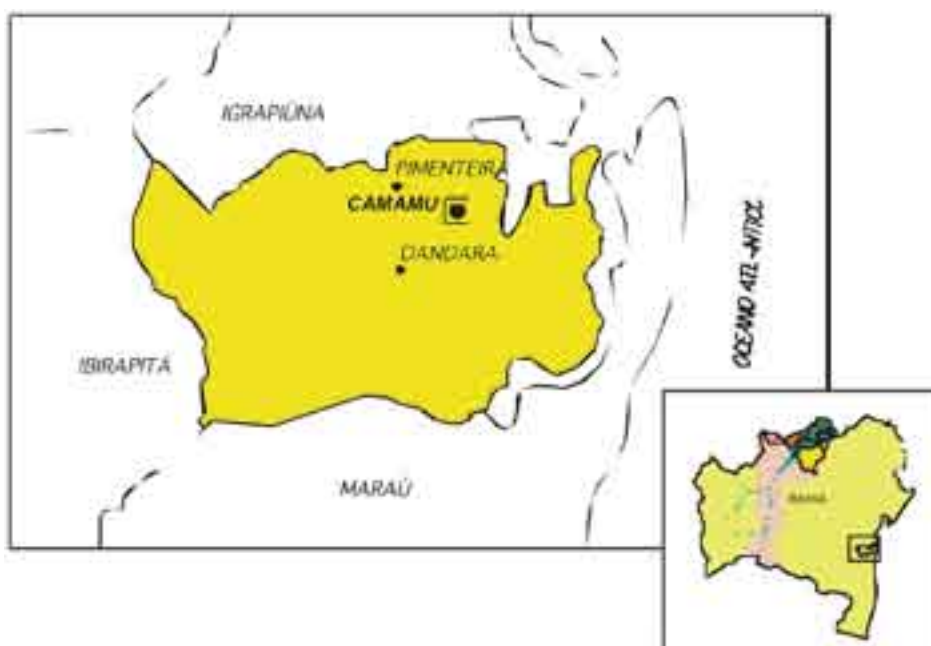
- Contribuir para a conservação do bioma Mata Atlântica no contexto da Agricultura Familiar;
- Incrementar a renda na agricultura familiar;
- Garantir a segurança alimentar das famílias;
- Fortalecer as organizações de agricultores e agricultoras familiares, aumentando sua capacidade de intervenção nas Políticas Públicas locais e regionais;
- Contribuir para a equidade de gênero e geração no âmbito da agricultura familiar.


Desta nova orientação de olhar para a diversidade de experiências, desenvolvida em diferentes espaços da propriedade e conduzidas por vários agricultores e agricultoras, surgiu a necessidade de realizar um diagnóstico da realidade da agricultura familiar do município e deflagrar um processo de sistematização de experiências. O diagnóstico foi realizado nos anos de 2002 e 2003, e a sistematização de experiências iniciada em 2002 e aprimorada em 2003 com o apoio do PDA.

Contexto

em que foi desenvolvida a
experiência

A experiência de disseminação de sistemas agroflorestais, ora sistematizada, foi desenvolvida no município de Camamu, região do Baixo Sul da Bahia, entre os anos de 1997 e 2003.





O município de Camamu pertence à microregião de Valença e situa-se no litoral do Baixo Sul, parte norte da região cacauceira da Bahia. Ocupa uma área de 759 km², localizada ao sul da referida microregião na faixa litorânea. Faz limites com os municípios de Maraú, ao sul, Ibirapitanga, a oeste e Igrapiúna, ao norte. Distante 335 Km de Salvador, 183 Km de Itabuna e 72 Km de Valença, sede da microregião.

A fisiografia é do tipo climático úmido, com precipitação pluviométrica média anual de 2.583 mm (CEI 1991). O relevo é constituído de tabuleiros e planaltos costeiros. A vegetação é formada de restingas, mangues e florestas da Mata Atlântica, sendo possível ainda encontrar remanescentes em áreas onde o acesso é mais difícil.

No contexto da diversificação de culturas, destacam-se as lavouras de cacau (*Theobroma cacao* L.), dendê (*Elaris guineensis* L.), cravo (*Caryophyllus aromaticus* L.), guaraná (*Paullinia cupuna* M.), banana (*Musa sapientium* L.), seringa (*Hevea brasiliensis*) e pimenta-do-reino (*Piper nigrum* L.). Dentre as culturas de subsistência, merecem destaque o feijão (*Phaseolus vulgaris* L.), o milho (*Zea mays*) e a mandioca (*Manihot* spp.). Esta última também tem importância na economia familiar pela produção e venda da farinha.

O cacau exerce ainda um papel fundamental na renda dos produtores e a agricultura familiar possui um peso importante na produção desta cultura na região. Vale destacar que este cultivo tem importante papel na conservação da cobertura vegetal, uma vez que se desenvolve tradicionalmente em sub-bosques, sistema denominado regionalmente de “cabruca”, que consiste no raleamento da mata com posterior plantio do cacau.

Por outro lado, com o crédito e o incentivo da extensão oficial, através da Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira - Ceplac, implantou-se na região um novo modelo de produção, derrubando a mata completamente, seguindo o plantio de banana e leguminosas lenhosas (eritrina) como árvores de sombra para o cacau. Este modelo levou à utilização indiscriminada de agroquímicos (herbicidas, fungicidas, inseticidas e fertilizantes químicos), à intensificação da prática das queimadas e derrubadas de florestas, provocando a extinção de diversas espécies nativas da fauna e da flora. Esse conjunto de inversões no sistema produtivo tradicional contribuiu para a perda de produtividade e para o aparecimento de doenças de difícil controle que têm atingido as plantações de cacau, como a podridão parda (*Phytophthora palmivora*) e a vassoura-de-bruxa (*Crinipellis perniciosa*).

Esses fatos apontam para os altos custos ecológicos e sociais embutidos no modelo de modernização agrícola implantado.

As propostas técnicas amplamente empregadas nos processos produtivos da região - tanto as tradicionais quanto as da agroquímica - têm se mostrado insustentáveis econômica e ambientalmente, reforçando ainda mais a tendência de expropriação da agricultura familiar.

Do ponto de vista ambiental, essa situação tem provocado perdas crescentes da cobertura florestal, degradação das capacidades produtivas dos solos, forte erosão genética, com perdas irreversíveis da biodiversidade.

A renda obtida a partir da comercialização dos produtos agrícolas é muito baixa. Vários fatores contribuem para a desvalorização dos produtos provenientes da agricultura familiar: mercados desfavoráveis, beneficiamento da produção feito em estruturas privadas de alto custo, com baixa qualidade de transformação e rendimento, e deficiências no processo de gestão das organizações de agricultores familiares.





Além das conseqüências sociais, com o aumento da miséria e do êxodo rural, esse quadro provoca uma pressão maior da população sobre os recursos naturais como meio de sobrevivência: de um lado, as comunidades rurais, que vivem em áreas de topografia acidentada e terras de qualidade inferior, desenvolvem cultivos de subsistência (mandioca principalmente) utilizando práticas de retirada da mata e uso do fogo para implantação das roças; no caso das comunidades ribeirinhas, igualmente atingidas pela crise, é forte a tentação de buscar fontes de alimentos e de renda numa exploração intensiva dos recursos presentes no mar e no manguezal.

Vale ressaltar que a maior parte dos remanescentes de florestas do município estão em propriedades de agricultores familiares. A estrutura fundiária do município é caracterizada predominantemente por esse tipo de propriedades, não havendo a presença de latifúndios. O município ainda apresenta muitos fragmentos de Mata Atlântica, dispersos nas pequenas propriedades e mais concentrados nas áreas de assentamentos de reforma agrária.

A experiência de disseminação de Sistemas Agroflorestais foi desenvolvida num contexto de crise da agricultura familiar regional, quando os principais produtos, como cacau, cravo e guaraná, estavam com preços muito baixos, e os agricultores e suas organizações identificavam processos de degradação dos recursos naturais e perda da fertilidade dos solos. As organizações dos agricultores - STR e associações comunitárias - colocaram para o Sasop uma demanda de experimentação que enfrentasse os problemas verificados.




A Trajetória da Experiência



O início do trabalho visava consolidar o processo de sensibilização que o Sasop vinha desenvolvendo, desde 1994, junto aos parceiros locais no município de Camamu - organizações de pequenos agricultores e instituições governamentais.

O potencial de irradiação da experiência se fortalecia por estar o município sediado em uma microregião com grande concentração de pequenos agricultores e diversificação de cultivos, e por partirmos de uma relação de parceria que envolveu o escritório local da Ceplac, órgão que presta assistência técnica a toda a região cacauceira da Bahia. Essa instituição difundia a adoção de pacotes tecnológicos com base nos monocultivos e na forte dependência dos insumos químicos. No entanto, a relação do projeto com um técnico da Ceplac, João Antonio Firmato de Almeida, conhecido como Jafa, que adotava uma percepção diferenciada sobre o papel da extensão rural na região, permitiu a construção de uma relação de parceria que mudou a forma de atuação do escritório local da Ceplac, mesmo depois da saída desse técnico.

A estratégia inicial previa a implantação de unidades demonstrativas de sistemas agroflorestais progressivamente implantados nas propriedades dos agricultores. A idéia era melhorar os sistemas tradicionais, introduzindo uma maior diversidade de espécies frutíferas e de essências nativas. Outro objetivo era desenvolver sistemas agroflorestais biodiversificados na recuperação de áreas degradadas pelo desmatamento e pelo uso inadequado dos solos. Para isso, foram implantados viveiros, cujo formato mudou com o amadurecimento da experiência.



O referencial teórico-prático de implantação de sistemas agroflorestais adotado pela equipe técnica no início do trabalho, foi baseado na proposta aplicada pelo agricultor/experimentador Ernst Götsch em sua propriedade há 15 anos, ou seja, o manejo regenerativo e biodiversificado⁷.

Outro aspecto importante da estratégia era a instalação de uma unidade piloto de secagem de frutas que visava o beneficiamento das frutas provenientes dos sistemas agroflorestais, principalmente banana, abacaxi e jaca, como forma de agregar valor e melhorar a conservação dos produtos. Isso ampliaria as possibilidades de colocação no mercado e, conseqüentemente, de incremento da renda familiar. De forma complementar aos processos produtivos e de transformação dos produtos, era necessário potencializar as formas de organização existentes, aprimorando os seus mecanismos de gestão e gerenciamento de empreendimentos comunitários.

⁷ O manejo regenerativo e biodiversificado é o manejo baseado nos princípios da sucessão vegetal, em que inicialmente se favorece o desenvolvimento das espécies pioneiras que vão sendo substituídas gradativamente por espécies de estágios mais avançados na sucessão. Este processo é acompanhado de podas sucessivas às espécies de crescimento rápido, o que garante a entrada de luz e a cobertura do solo, e pelo plantio adensado de espécies nativas e exóticas de multiplicidade funcional.

Construindo as relações de parceria

A primeira etapa do trabalho constituiu-se num processo de sensibilização dos potenciais parceiros, em especial as Associações de Pequenos Agricultores. As expectativas apresentadas pelas famílias nas reuniões de sensibilização estavam relacionadas à disponibilidade de crédito familiar para a atividade agrícola e para a comercialização da produção.

No começo, todos queriam participar do projeto. Depois, quando conheceram de fato a proposta, alguns desistiram. A maioria dos agricultores pensava que haveria financiamento para o trabalho de experimentação com sistemas agroflorestais, pois estavam acostumados com o tipo de assistência técnica oferecida pela Ceplac e a Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola - EBDA e com os financiamentos bancários iniciados na região a partir de 1994. Então, a expressão "vai ter um projeto" trouxe a idéia de financiamento, pois essa era a cultura que se havia formado. Muitos diziam: "Trabalhar sem dinheiro não dá. Quem participar vai quebrar". As pessoas não associavam projetos a desenvolvimento e sim a financiamento. Os resultados esperados por aqueles que estavam envolvidos pela cultura do financiamento eram os resultados imediatos, ou melhor, aqueles que pudessem ser imediatamente convertidos em recursos financeiros como o financiamento proporciona, mesmo que por pouco tempo. Ou seja, dinheiro na mão.



*Se o agricultor
não acreditasse,
não haveria
parceria, e o
Sasop não ia
poder manter
este trabalho.*

Maria Andrelice – “Del”

Mas essa compreensão do significado do projeto se deu de forma diferenciada entre as comunidades e os agricultores e agricultoras de cada comunidade. Aqueles que se apropriaram da proposta, e que entenderam que se tratava de um processo de experimentação e não de financiamento, aceitaram o trabalho e se constituíram nos grupos de referência ou “comunidades de projeto”. Esses grupos ou pessoas, a partir de então, estabeleceram entre si e com a assessoria (o Sasop) uma espécie de pacto ou compromisso em relação ao trabalho desenvolvido.

Esse pacto, por sua vez, provocou, como veremos mais adiante, interpretações conflitantes, levando a uma alternância na identidade de sujeito ou objeto no processo de experimentação, por parte dos agricultores.

Essa tensão inicial entre aceitar ou não a experimentação com sistemas agroflorestais permaneceu durante todo o trabalho. Os agricultores que não aceitaram o trabalho passaram ainda a desanimar os outros que estavam envolvidos. Era comum os participantes escutarem frases como: “Esse trabalho não vai dar”, “Você vai morrer de fome neste trabalho”, “Você é doido(a)? Plantar milho, feijão, aipim só roçando, sem queimar?”.

Segundo depoimento dos agricultores, aqueles que toparam o trabalho pensavam em produzir novas culturas e de forma diversificada, e até vender melhor como um produto certificado. Plantar e proteger o meio ambiente, melhorar a saúde e as condições de vida.



O Processo de Experimentação Participativa

Com a parceria estabelecida com as comunidades, o trabalho com sistemas agroflorestais foi iniciado. As ações que se seguiram, após definidas as comunidades e os(as) agricultores(as) interessados(as) na proposta de implantação das Áreas Demonstrativas de Sistemas Agroflorestais, foram os acompanhamentos semanais aos grupos de mutirão.

O trabalho em mutirão é uma prática comum no município, introduzida pelo STR, em que os(as) agricultores(as) trabalham um ou dois dias da semana em regime de mutirão e obedecendo a um rodízio, de modo que todas as propriedades dos membros do grupo sejam manejadas. O local e o tipo de trabalho a ser realizado é definido pela família que recebe o mutirão. Essa forma de organização foi de extrema importância no trabalho com sistemas agroflorestais, dada a complexidade dos sistemas agroflorestais implantados e a necessidade de refletir sobre a prática adotada.

Definidos os grupos de mutirão em cada uma das comunidades selecionadas, buscou-se, na sequência das visitas que se sucederam na fase preliminar de implantação das áreas demonstrativas e na ação com os grupos de mutirão, reconhecer o agroecossistema de cada comunidade e as práticas de manejo adotadas. Isso permitiria uma visão mais integrada de cada realidade em que se fariam as intervenções.

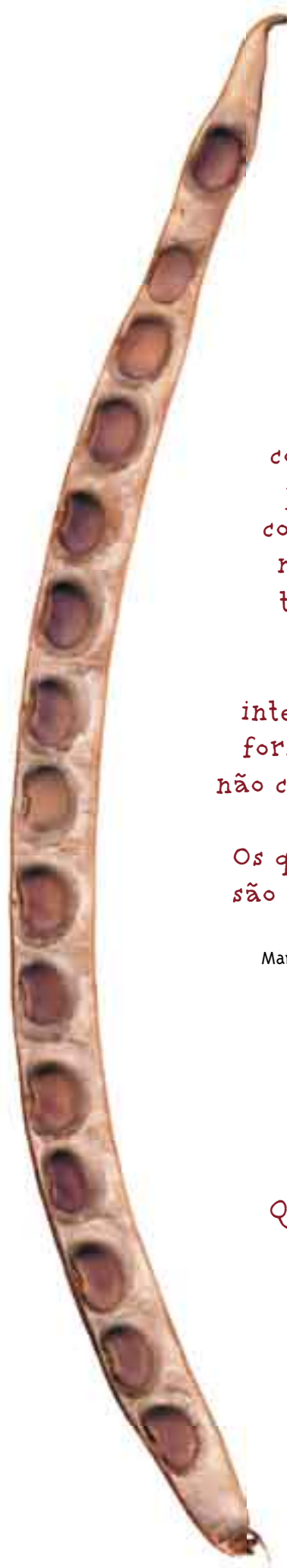
Portanto, é importante convencer as pessoas das comunidades, mostrando o trabalho, os resultados, fazendo intercâmbio de forma alegre e não competitiva.

Os que ficaram são conscientes.

Maria Andrelice – “Del”

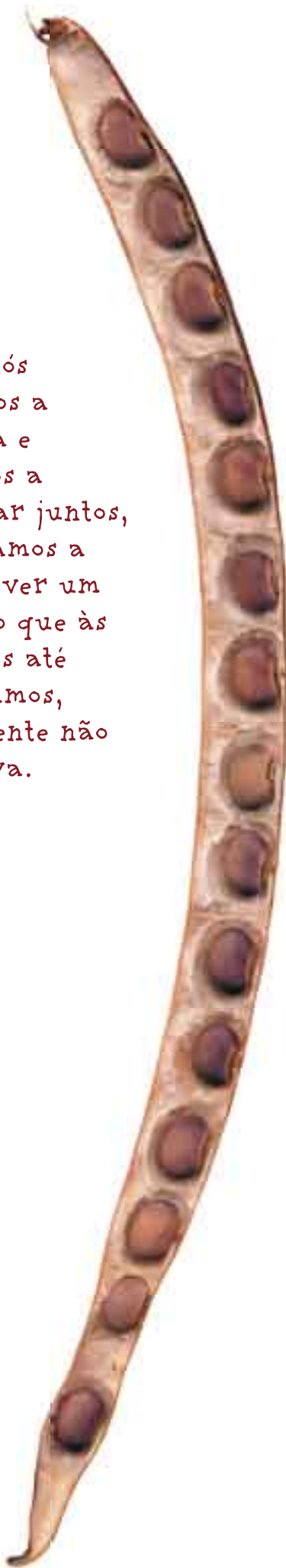
Quem entrou pensou no futuro.

Sr. André



Então, nós
aceitamos a
proposta e
passamos a
trabalhar juntos,
e começamos a
desenvolver um
trabalho que às
vezes nós até
conhecíamos,
mas a gente não
praticava.

Jone



Muitas das práticas propostas pelo SASOP para o manejo agroflorestal já eram conhecidas pelos agricultores da região. O plantio diversificado e o consócio de culturas arbóreas como o cacau e a seringa já eram práticas dos agricultores. Havia práticas amplamente disseminadas pela CEPLAC para o cultivo do cacau, como o plantio sem queimar, o aproveitamento do mato roçado e dos restos de culturas como cobertura morta e o plantio de mudas produzidas em saquinhos. Mas, embora conhecidas, muitas destas práticas não eram utilizadas em larga escala pelos agricultores, que ainda mantinham a tradição cultural de derrubar a mata e queimar para iniciar um plantio.

Os processos de sensibilização e experimentação trouxeram elementos para os agricultores refletirem sobre a sua prática e analisarem a sustentabilidade dos seus sistemas de produção.

Implantação das Áreas Demonstrativas

A implantação das áreas demonstrativas seguiu um cronograma semanal definido com cada um dos grupos de mutirão das quatro comunidades efetivamente integradas ao trabalho no início da experiência, estabelecido do seguinte modo:

Segunda-feira - Comunidade da Pimenteira

Terça-feira - Comunidade da Tabela

Quarta-feira - Comunidade do Garcia

Quinta-feira - Comunidade do Marimbondo

Os dias definidos para as visitas coincidiam com os dias de trabalho em mutirão das respectivas comunidades. Dessa forma, aproveitávamos o esforço do mutirão como momento de repasse de técnicas e conhecimentos, reforçando a difusão do sistema proposto.


A implantação e manutenção das áreas era feita quase sempre com a presença de pelo menos um técnico do Sasop e um da Ceplac, Jafa. No entanto, os mutirões aconteciam mesmo sem a presença dos técnicos. Mas, para muitos agricultores, a presença dos técnicos animava os mutirões. Essa relação, que era

vista pelos técnicos como de dependência, se devia em parte ao compromisso estabelecido com o Sasop: como se, sem a presença da instituição, o trabalho naquela área perdesse o sentido, pois muitos identificavam a área demonstrativa como “área do Sasop”.

Com o passar do tempo e a demora dos resultados econômicos, os mutirões foram aos poucos se deslocando para o manejo das roças financiadas, as quais exigiam tratamentos culturais que ocupavam a mão-de-obra disponível. Este fato, embora tenha retardado um pouco o manejo das áreas demonstrativas e o alcance dos resultados, contribuiu para que os grupos pudessem refletir, de forma comparativa, sobre as duas formas de manejo. Essa comparação fez com que os agricultores percebessem mudanças importantes na conservação do solo e na biodiversidade das áreas demonstrativas.

A implantação de cada uma das áreas demonstrativas foi precedida de uma rápida explanação dos princípios do manejo agroflorestal, destacando as espécies vegetais que compõem o ambiente onde se faria a intervenção, suas funções na sucessão natural e a correlação entre as mesmas, e finalmente, o estágio de conservação do solo, tudo a partir do conhecimento do grupo. Durante as explanações, foram introduzidos alguns conceitos comumente utilizados na prática do manejo agroflorestal, como o de “plantas ajudantes”⁸.

⁸ Significa aquelas plantas presentes no próprio ambiente ou introduzidas, que apresentam bom crescimento vegetativo, adaptáveis às condições edafoclimáticas do ambiente no qual está sendo feita a intervenção, tolerantes às podas sucessivas e fornecedoras de material vegetativo (folhagem e ramos), capazes de promover uma satisfatória cobertura do solo.



Há muitos anos a gente já fazia isso, mas não sabia explicar. Depois veio o SASOP e passou a explicar melhor o porquê daquele manejo.

Sr. Andrév

O trabalho de implantação das áreas demonstrativas, com os grupos de mutirão, começava com a “roçagem seletiva”, que é o corte de parte da vegetação herbácea, ou seja, do “mato”, distribuindo-a sobre o solo, além da poda de alguns arbustos. São mantidas as espécies que terão a função de “ajudantes” no futuro, a exemplo da embaúba (*Cecropia* sp), bem como as espécies que formarão os estratos médios e altos da futura agrofloresta, seguindo os princípios da sucessão vegetal. Também era sugerido aos agricultores que observassem as espécies que desempenham funções importantes no agroecossistema, como as que atraem insetos e formigas cortadeiras, com o objetivo de valorizá-las no manejo adotado.

Após o trabalho de roçagem seletiva, era feito o aproveitamento do material vegetativo roçado, concentrando-o junto às plantas produtoras de frutos ou não, e que são importantes para o manejo da futura agrofloresta.

A partir da análise do ambiente no qual a intervenção era realizada, discutia-se com o grupo quais espécies deveriam ser introduzidas na área manejada, sob a perspectiva do que o proprietário desejaria. Era também reforçado o princípio de introdução de espécies ajudantes e fornecedoras de alimento e/ou produtos que remunerassem o trabalho ali aplicado no curto e médio prazos. Isso significava considerar tanto a segurança alimentar quanto o retorno econômico (mercado). Por exemplo, capim napier, capim guatemala, guandu, ingá, abacaxi e inhame.

Definido o que poderia ser introduzido e tendo disponibilidade do material no momento, fazia-se então o plantio. Para cada área demonstrativa manejada foi recomendada a introdução de espécies que fornecessem material vegetativo para cobertura do solo e/ou espécies alimentares, ocupando o máximo possível todo o espaço disponível. Com esta cobertura, visava-se também diminuir gradativamente o crescimento de algumas ervas e reduzir o trabalho de roçagem e capina.

Os sistemas foram implantados, em sua maioria, em áreas degradadas pelo uso do fogo e por plantios consecutivos de mandioca, com o objetivo de recuperar e conservar os recursos naturais solo e água, além de oferecer alternativas econômicas para as famílias envolvidas.



Descobrimo novos caminhos

Resultados e lições do processo de experimentação participativa na implantação das áreas demonstrativas

Ampliação das áreas

As áreas demonstrativas implantadas variaram de 800 a 1500 m², sendo que muitos agricultores já ampliaram suas áreas, com um desenho complexo e alta densidade de espécies introduzidas. Alguns sistemas chegaram a ter mais de 50 espécies em uma área de apenas 1000 m², considerando as espécies frutíferas e florestais nativas introduzidas, e as espécies que emergiram durante o processo de sucessão vegetal.

Cobrir o solo é uma prática que vale a pena, e plantar árvores no meio do cacau é importante. Das práticas que utilizava na minha área demonstrativa, a principal que absorvi foi a conservação do solo.

Sr. André



Exemplo:

área demonstrativa Assentamento Dandara dos Palmares, na propriedade de Maria Andrelice (Del)

Espécies Introduzidas

Café, guaraná, abacaxi, abacate, abio roxo, abio amarelo, açaí, acerola, quarana, aipim, banana prata, banana da terra, inhame, coentro, capim guatemala, canela, cupuaçu, coco, caju, cana-de-açúcar, capim elefante, erva santa, fruta de conde, gengibre, graxa, gindiba, graviola, jabuticaba, jacarandá, jatobá, jaca, jambo, limão, mangostão, maracujá, mandioca, noz moscada, oiti, pimenta malagueta, paineira, pupunha, pimenta cominho, urucum.

Espécies que já estavam na área e/ou espécies espontâneas

Paparaíba, embaúba, fidalgo, araçá mirim, janaúba, ingazeiro, pindaíba, eritrina, caiçara, matataúba, jurubeba branca, cacau, cravo, imbira-jangada, louro, tucum, capeba.

Introdução de estratégias econômicas de curto e médio prazos

Como cultura econômica no curto prazo, foi introduzido o abacaxi, espécie excelente para as condições de baixa fertilidade em que se encontravam as áreas, e pela sua característica de planta pioneira e capacidade de proteção de espécies do futuro⁹. Com a evolução do sistema, outras espécies frutíferas e palmeiras foram introduzidas para retorno no médio e longo prazos, como açaí, cupuaçu, pupunha, graviola, jambo, canela, mangustão etc.

⁹ Pelas suas características, o abacaxi acumula água, fornece proteção de sombra e contra-ataque de alguns animais, quando plantado junto a espécies de crescimento lento como algumas essências florestais nativas e algumas frutíferas.



Desenvolvimento de novas formas de manejo e aproveitamento de recursos genéticos locais

Embora a maioria dos desenhos tenham uma semelhança muito grande, algumas variações ocorreram como a implantação de áreas demonstrativas nas "clareiras" das roças de cacau, aproveitando a oportunidade do espaço livre e dos recursos genéticos existentes no local.

Ao longo do processo de experimentação, os agricultores identificaram várias espécies nos seus sistemas produtivos que desempenham funções semelhantes às plantas introduzidas pelos técnicos na implantação das áreas demonstrativas, como o capim Guatemala (chamado de "batemala" pelos agricultores), que é um excelente produtor de biomassa, está presente em todas as propriedades e é completamente adaptado às condições locais adversas. O capim Guatemala substituiu o capim Napier, introduzido pelos técnicos e bastante utilizado pelo Ernst.

Foram introduzidas também algumas práticas de manejo mais pontuais como o uso de adubação verde (feijão de porco principalmente), e o combate de formigas cortadeiras pelo uso de plantas tóxicas, como a "comigo ninguém pode" e a "cega-olhos".

Estamos plantando as culturas diversificadas e também cultivando de maneira diferente, sem capinar, roçando aquela área, pegando aquele mato e forrando o solo.



Incorporação dos princípios agroecológicos: autonomia criativa dos agricultores

A leitura dos agricultores sobre as propostas técnicas disseminadas recaiu mais sobre os princípios que fundamentam a prática e sobre as mudanças no ambiente e na sustentabilidade dos sistemas de produção, do que sobre as práticas em si.

Os agricultores foram, ao longo do processo de experimentação, construindo a sua visão de sustentabilidade e identificando, na proposta de trabalho com sistemas agroflorestais, a importância do plantio sem o uso do fogo; a preocupação com a proteção do solo, das matas e dos rios; a diversificação da produção, incluindo a introdução de novas culturas, o plantio e a manutenção das árvores; a produção de alimentos aproveitando os pequenos espaços e o aproveitamento dos recursos alimentares disponíveis na propriedade. Mas as alternativas de manejo que não utilizam o fogo e a preocupação com a cobertura do solo e com a diversificação de cultivos, foi o que mais marcou a experiência, na visão dos agricultores.

Além das áreas demonstrativas implantadas, os agricultores experimentadores realizaram outras experiências nas suas propriedades a fim de testar os princípios e práticas do manejo agroflorestal em questão. Fizeram vários testes comparativos, com o uso do fogo e sem queimar, com adubo e sem adubo, capinando o mato com enxada e roçando de facão, deixando o mato como cobertura morta etc. Essas experiências eram socializadas com outros agricultores nos mutirões de trabalho, nas conversas informais e nos eventos de intercâmbio.

Durante uma oficina sobre monitoramento, os agricultores expressaram quais mudanças estavam buscando nos seus sistemas de produção, ao desenvolverem um trabalho com o manejo de sistemas agroflorestais:

- Melhorar o terreno evitando as queimadas/ Evitar a destruição da terra;
- Buscar uma maneira de melhorar a saúde;
- Evitar o veneno;
- Ter uma produção de boa qualidade;
- A agricultura diversificada tem rendimento maior do que a monocultura;
- Divulgar o produto orgânico para conseguir melhores preços;
- Ter uma água de boa qualidade/ Preservar as nascentes;
- Produção de boa qualidade para toda a família (consumo familiar);
- Plantar árvores nativas, que estão se acabando;
- Plantar plantas medicinais para evitar os gastos;
- Fazer com que a população de animais cresça para que os netos conheçam;
- Queremos chegar com uma qualidade de vida melhor e uma renda suficiente.

Uma coisa boa que o Sasop trouxe foi a cobertura e não queimar.

Milton

Viveiros: Reverendo a estratégia do viveiro permanente



Na concepção original do projeto, foi pensada a construção de viveiros comunitários para a produção de mudas frutíferas e florestais. Mas, pela dificuldade de deslocamento dos agricultores, foram construídos 18 viveiros individuais, ou que atendessem duas famílias que já mantinham a prática de trabalho em parceria. Os viveiros têm a finalidade de fornecer mudas para enriquecer as áreas com sistemas agroflorestais e de recuperação florestal.

Como apoio ao trabalho nos viveiros, foram realizados dias de campo para identificação e coleta de sementes, quando os agricultores trocaram conhecimentos sobre espécies nativas e conheceram critérios básicos no processo de coleta e conservação de sementes de espécies florestais.

A produção de mudas na agricultura familiar da região tem uma dinâmica própria, com viveiros rústicos e provisórios construídos para atender determinada demanda de plantio. Um caso bem comum é a produção de mudas para o preenchimento das falhas nas roças de cacau. Uma vez cumprido o seu objetivo, o viveiro é desmanchado. Portanto, a idéia que o projeto trouxe de viveiros com uma estrutura permanente não funcionou, na maioria dos casos. Alguns agricultores reutilizaram a estrutura (telas etc.) para a criação de galinhas no quintal.

Tem gente
que não faz
o manejo
completo,
mas
acompanha.

Fortunato

De tudo que
aprendemos,
nem tudo dá
pra usar.

Sr. André



A mudança do olhar: da área demonstrativa para a unidade de produção familiar

Uma vez consolidada a etapa de implantação das áreas demonstrativas, os grupos de agricultores passaram a refletir sobre o impacto das práticas agroflorestais sobre os seus sistemas de produção. Foi nesse momento que a idéia de um sistema agroflorestal eficiente e que desse conta dos problemas da agricultura familiar do município começou a ser questionada. O sistema agroflorestal difundido foi baseado na experiência de um agricultor/pesquisador suíço, Ernst Gotsch que, mesmo sendo uma referência regional no manejo sustentável dos recursos naturais, não era uma experiência culturalmente situada. A complexidade da proposta refletida na densidade de plantas e nas práticas de manejo que exigiam muita mão-de-obra dificultou a sua incorporação total pelos agricultores.

No entanto, os princípios e parte das práticas disseminadas no processo de experimentação nas áreas demonstrativas foram sendo assimilados pouco a pouco nas unidades de produção familiares. Muitas práticas não foram adotadas pelos agricultores por não se adaptarem à cultura e às formas tradicionais de cultivo locais. Como exemplo, podemos citar a capina seletiva de mão, a poda na copa das árvores muito altas, o plantio de capim napier e a poda da mandioca para fertilização do solo.

*Nem todas elas
[as práticas]
faço: por exemplo,
procurar a rainha
no formigueiro. Um
trabalho que não
gostei foi capinar
abacaxi de mão.*

Sr. Albertino

Foram os próprios agricultores que romperam as fronteiras das áreas demonstrativas, ampliando e aperfeiçoando o processo de experimentação. Novas experiências foram desenvolvidas, a partir dos princípios agroecológicos apropriados pelos agricultores nas áreas de cacau, de guaraná, nos quintais, nas áreas financiadas etc. As práticas agroflorestais foram sendo adaptadas às condições de solo, aos cultivos locais, à disponibilidade de mão-de-obra e às demandas de cada família. O Sr. Lourival, da comunidade do Marimbondo, por exemplo, optou por manter um espaçamento maior do que o proposto, pois achava que com o espaçamento adensado não conseguiria passar com os animais pela roça.

A experiência do Assentamento Dandara dos Palmares foi bastante ilustrativa da mudança de uma experimentação mais formatada (área demonstrativa) para uma experimentação mais livre e sem limites. Alguns agricultores que acompanharam a implantação das áreas demonstrativas na comunidade da Pimenteira foram assentados em Dandara dos Palmares em 1998 e passaram a manejar seus lotes em 1999. Com base nos princípios e práticas agroflorestais, estes agricultores, que receberam mudas e sementes do Sasop, reuniram-se com outros do assentamento para socializar seus conhecimentos e iniciaram um processo de experimentação nos seus lotes em diferentes espaços e com diferentes formatos. As experiências se desenvolveram nas roças de cacau, nas falhas do cacau, nos quintais, nos roçados de mandioca etc. O discurso dos agricultores mudou de “a área do Sasop”, “o meu Sasop” para “a minha área do manejo”, “o meu manejo”, “a minha experiência”.

Chegamos aqui com a experiência de lá da Pimenteira, só que aqui cuidamos sozinhos da roça. Ao chegarmos, eu e Del fizemos umas reuniões para passarmos nossas experiências para os outros.

Sr. Almerindo Ursulino (Bel)



Com o aprendizado no Assentamento Dandara dos Palmares e nos momentos de reflexão e avaliação coletivos do desenvolvimento dos sistemas agroflorestais, o Sasop reorientou a sua estratégia de intervenção e passou a valorizar mais toda forma de experimentação e as pessoas que estavam por trás das experiências. Ainda no Assentamento, e partindo de um problema coletivo, foi deflagrado um intenso processo de experimentação de práticas de controle de formigas cortadeiras. Junto com o processo de experimentação, foram criados momentos coletivos, nos quais, partindo das experiências individuais, os agricultores trocavam seus conhecimentos e refletiam sobre as suas práticas, construindo então um conhecimento novo.



As formas de disseminação do conhecimento local

Visitamos várias experiências boas que dão bom resultados. As visitas sempre orientam e animam as pessoas. Este tipo de manejo mexe com a realidade e dá respostas para o nosso trabalho.

Antônio Ursulino (Bel)

Logo no início da experiência, o Sasop procurou uma referência em outras experiências, de contextos externos, para estimular um processo de experimentação no município de Camamu. Como já foi dito anteriormente, a principal experiência de referência foi a do Ernst, que inclusive assessorou o Sasop na fase de implantação e manutenção de algumas áreas demonstrativas, e recebeu alguns agricultores para um estágio de uma semana na sua propriedade.

Mas foi em dezembro de 1997, em uma viagem de intercâmbio com um grupo de agricultores de Camamu às experiências de sistemas agroflorestais assessoradas pelo Centro Sabiá¹⁰ em Pernambuco, que houve uma grande motivação para os agricultores visitantes. A visita, conduzida pelos próprios agricultores e assessorada pelo Centro Sabiá, trouxe um incentivo aos agricultores que iniciavam suas experiências com agrofloresta. Embora as experiências acontecessem em outro Estado do Nordeste, eram desenvolvidas no contexto da agricultura familiar, o que garantiu um processo de troca mais horizontal, de agricultor para agricultor.

¹⁰ As experiências com SAF assessoradas pelo Centro Sabiá, entidade parceira do Sasop no movimento em Agroecologia no Nordeste, também eram apoiadas pelo PDA.

Conforme a experiência foi se desenvolvendo, o processo de intercâmbio com outras experiências foi se intensificando. Grupos de agricultores foram para o extremo sul da Bahia, para Santa Catarina, Espírito Santo e para conhecer experiências com sistemas agroflorestais pela região sul da Bahia (Itacaré, Ilhéus etc.). Os grupos variavam, de modo que um maior número de agricultores e agricultoras tivessem oportunidade de conhecer novas experiências.

Ao retornar das visitas, os agricultores tinham a prática de socializar as informações e conhecimentos nos espaços coletivos locais, desde espaços mais formais, como as reuniões da associação, assim como os espaços informais tais como os grupos de mutirão, rodas de amigos, feira local, festas e eventos religiosos. Os mutirões de trabalho se constituíram como espaços importantes de socialização de conhecimentos, uma vez que o processo de experimentação e a reflexão desta eram conduzidos pelos grupos na maioria das comunidades.


Quando alguém ia e via todo o manejo, passava para os de lá e trazia para os de cá. Tipo uma troca de experiências.

Jone

Foi uma coisa muito boa de ver uma experiência e depois trazer os resultados.

Maria Andrelice (Del)






As visitas de intercâmbio e as trocas de conhecimentos e materiais genéticos (sementes e mudas) entre agricultores e agricultoras foram um grande estímulo ao processo de experimentação local sobre sistemas agroflorestais. Os agricultores, ao retornar às suas comunidades, traziam na bagagem novos conhecimentos, idéias, sementes e tecnologias que precisavam ser testadas e/ou adaptadas às suas realidades locais. Cada um desenvolvia, portanto, na sua propriedade, novas experiências que seriam mais tarde trocadas com os seus vizinhos e outros agricultores experimentadores.

O processo de intercâmbio e troca de experiências entre agricultores se transformou numa dinâmica social quando as experiências locais passaram a ser mais valorizadas e sistematizadas, tornando-se o motor dos intercâmbios de experiências e alimentando a própria experimentação. As experiências passaram a ser o ponto de partida para os processos de formação, no qual os currículos e conteúdos não são pré-determinados, mas vão sendo construídos pelas experiências e pelos processos de troca e reflexão coletiva das mesmas.

Nesta dinâmica social, os agricultores foram cada vez mais assumindo o papel de experimentadores e difusores/comunicadores das suas experiências. No início, nos eventos regionais, estaduais e nacionais, muitas vezes os técnicos representavam e apresentavam as experiências com sistemas agroflorestais para outros técnicos e instituições. À medida que fomos valorizando mais as experiências e os agricultores e agricultoras que eram seus protagonistas, estes foram tendo mais voz nos eventos de intercâmbio e nos seminários temáticos.



*Trouxe de lá
uma semente
de inhame de
D. Lurdes,
que tem até
hoje.*

Sr. Albertino

Outra estratégia importante foi a de apoiar os instrumentos de comunicação já utilizados pelos agricultores, como os depoimentos nos momentos coletivos de reuniões, encontros e assembléias. O estímulo a novos instrumentos e a demonstração “in locu” de suas experiências nas rodadas do mutirão ou nas visitas de intercâmbio também tiveram importância. Essas duas últimas ações foram decisivas para ampliar a capacidade de comunicação dos agricultores, contribuindo com a elevação da sua auto-estima e com o seu empoderamento. Os recursos visuais, como cartazes, banners, painéis com fotos sobre as experiências, têm sido importantes instrumentos no apoio à difusão pelos agricultores para os agricultores.

Mais recentemente, temos utilizado o Boletim da Agricultura Familiar como um eficiente instrumento de comunicação. Esse material é resultado de uma sistematização simples de experiências conduzidas pelos agricultores e suas famílias, no qual o foco não está só na experiência, mas também sobre os seus autores. Os agricultores se identificam no boletim, que reflete a sua realidade, e a comunicação se torna um poderoso instrumento de resgate dos seus conhecimentos, da sua história e da sua cultura. As vozes dos agricultores ganham volume e eco.

No início da experiência, um dos elementos da estratégia de difusão era a formação de agentes multiplicadores (ou monitores), que teriam o papel de apoiar e orientar o desenvolvimento de sistemas agroflorestais nas suas comunidades. Esse processo foi iniciado no ano 2000, com a definição, nas comunidades, dos agricultores multiplicadores (dois por comunidade) e com um estágio de uma semana na fazenda Três Colinas, de Ernst.

Com a evolução da experiência, foi desenvolvido o conceito de agricultor experimentador, que substituiu a idéia de agricultor multiplicador. Partindo do princípio de que um agricultor, para difundir a sua experiência, precisa ser um experimentador, e deve estar sempre alimentando o processo de experimentação, o agricultor multiplicador jamais deve perder a sua referência nas experiências que conduz. Portanto, o multiplicador será sempre um experimentador.

Outra coisa que a gente sempre usava era quando a pessoa trazia alguma informação, a gente ia testar o trabalho lá pra ver como é que funcionava. Olha, eu vi lá tal maneira assim diferente de fazer o manejo, vamos tentar fazer assim pra ver se dá certo.

Jone

Todo agricultor experimentador é capaz de difundir a sua experiência, pois ele tem a informação necessária, o conhecimento, o conteúdo, basta apoiá-lo na sua tarefa de comunicar, com instrumentos que possam ampliar a sua capacidade de comunicação.

Já que a tarefa de multiplicar suas experiências está na natureza do agricultor, não há necessidade de delegarmos essa função para um determinado grupo de agricultores. Sob o risco, inclusive, de, ao diferenciarmos o multiplicador dos outros agricultores, estarmos contribuindo para a criação de uma categoria “especial” e provocando o seu distanciamento dos demais.

No processo de formação dos agricultores experimentadores, além da dinâmica de intercâmbio e troca de conhecimentos de agricultor a agricultor, foram realizados estudos, seminários e oficinas, com o objetivo de aprofundar a reflexão e análise da realidade da agricultura familiar.

Como destaque, podemos citar o Diagnóstico sobre a Agricultura Familiar de Camamu e os estudos de monitoramento da sustentabilidade dos agroecossistemas. Em 1998, foi realizado o monitoramento de duas áreas demonstrativas para um estudo comparativo entre as áreas demonstrativas e os sistemas tradicionais



*É uma
demanda
de como a
gente inicia
uma coisa
que não tem
costume,
cada dia a
gente vai
aprendendo e
modificando
as coisas.*

Maria Andrelice (Del)



*Chegou um
colega no
grupo e
chamou a
gente pra ir
na roça dele
mostrar.*

Fortunato

de roçado de mandioca, no qual foram verificadas as mudanças ocorridas pelas perdas de solo provocadas pelos processos de erosão e as variações na fertilidade do solo nos respectivos sistemas. Esse trabalho fez parte de um projeto desenvolvido em parceria com a EMBRAPA/CNPMP¹¹, que, embora tenha sido um rico processo de formação para agricultores e técnicos, não foi concluído devido às fragilidades da parceria.

A partir de 2001, foi iniciado o monitoramento do impacto econômico das práticas agroecológicas sobre os sistemas agroflorestais. Foram monitoradas duas unidades de produção familiar com sistemas agroflorestais que incorporam práticas agroecológicas e uma mais convencional, para efeito de comparação. Os indicadores foram construídos de forma participativa, com os agricultores colocando a sua visão de sustentabilidade e como percebem as mudanças nos seus sistemas de produção. No anexo 2, podem-se ver os resultados desse monitoramento.

O principal resultado destes estudos e momentos coletivos de reflexão tem sido a ampliação da capacidade de análise dos agricultores sobre a sustentabilidade dos agroecossistemas locais.

É importante estarmos sempre trocando. A troca de materiais também é uma troca de projetos.

D. Benedita

Fazendo a capina seletiva, observando o que as formigas mais gostam. É coisa que a gente vê, que vai sentindo e mostrando para o nosso colega o que tá acontecendo em nossa vida.

Maria Andrelice (Del)

¹¹ Centro Nacional de Pesquisa em Mandioca e Fruticultura, em Cruz das Almas - BA

O processo de disseminação/difusão

Principais resultados alcançados

A disseminação dos princípios e práticas agroflorestais contribuiu para a geração de conhecimentos sobre conservação, preservação e manejo sustentável dos recursos naturais, no âmbito do bioma Mata Atlântica, proporcionando conscientização e sensibilização dos(as) agricultores(as) das comunidades envolvidas, das organizações de representação da agricultura familiar e de outros atores regionais.

Como reflexo dessa mudança, o uso do fogo para limpeza do terreno antes do plantio vem diminuindo gradativamente, demonstrando o grau de sensibilização das famílias envolvidas. Cerca de 20% das famílias das comunidades envolvidas vêm implantando seus novos roçados sem o uso do fogo.

As visitas de intercâmbio e estágios com os grupos de agricultores(as) serviram para valorizar o conhecimento acumulado pelas comunidades tradicionais e favorecer a interação entre as experiências dos agricultores e entre estes conhecimentos e o conhecimento dos técnicos, facilitando uma nova linguagem de comunicação e possibilitando a construção de um novo conhecimento. Exemplos disso são as experimentações que os próprios agricultores iniciaram de forma autônoma, sem orientação direta dos técnicos.

A idéia de deixar a madeira passou para vários vizinhos.

D. Hilda



O intercâmbio com técnicos de organizações governamentais, como a Ceplac, foi positivo, no sentido de suscitar o debate e provocar uma revisão de paradigmas quanto ao uso dos recursos naturais na atividade agrícola. A difícil relação institucional com a Ceplac foi sendo, aos poucos, substituída por relações de confiança e parceria. No início do trabalho, essa relação era restrita a um técnico (Jafa), mas, com o desenvolvimento da experiência, as relações de parceria foram se estendendo a outros técnicos do escritório local, assim como à gerência regional. Recentemente, a Ceplac criou um núcleo regional em agroecologia e está criando uma Estação Experimental de Pesquisa em Agroecologia.

O processo de experimentação participativa, articulado aos intercâmbios das experiências entre os agricultores, possibilitou um resgate da história e da cultura dos agricultores familiares, elevando a sua auto-estima e valorizando a profissão do agricultor. A experiência desencadeou um rico processo de formação, tanto para os agricultores como para os técnicos, ampliando a capacidade de análise da sustentabilidade dos agroecossistemas locais e de percepção das mudanças.

Tensões e Dificuldades da Experiência

Na evolução da implantação das áreas demonstrativas e a partir de avaliações realizadas durante o trabalho com sistemas agroflorestais, concluiu-se que a estratégia inicial de implantação das áreas demonstrativas não era suficiente para responder às demandas colocadas pela agricultura familiar. Os aspectos refletidos mais relevantes foram:

- A implantação das áreas demonstrativas foi, na sua quase totalidade, em áreas muito degradadas, onde a velocidade de resposta é muito lenta para as demandas das famílias, principalmente em relação ao impacto econômico.
- A identificação, por parte dos agricultores, da área demonstrativa como "a área do Sasop", e a complexidade da proposta de manejo, condicionaram, muitas vezes, o manejo das áreas demonstrativas à presença dos técnicos.
- A proposta de manejo adotada demandava, na sua fase inicial, muito tempo de trabalho, ao mesmo tempo em que existia uma dificuldade de mão-de-obra familiar nas propriedades. Somava-se a isso o fato de que a mão-de-obra disponível na família estava comprometida com a manutenção de cultivos financiados, na maioria dos casos.
- A cultura do financiamento provocou uma tensão permanente entre o processo de experimentação e as expectativas por parte dos agricultores de conseguir apoio financeiro.
- Proposta técnica referenciada numa experiência de fora (não situada culturalmente num primeiro momento). O diálogo com as experiências locais só veio mais tarde.



O processo de sistematização

Resultados e impactos percebidos

Na perspectiva do Sasop, o desenrolar da experiência demonstrou uma evolução no tocante às estratégias adotadas, à metodologia de trabalho e aos conceitos utilizados. A sistematização evidenciou essa evolução, assim como proporcionou um momento novo de reflexão dos técnicos e dos agricultores experimentadores sobre a prática, reafirmando ou reformulando orientações e estratégias. Essa reflexão levou a que, no planejamento institucional, a sistematização ganhasse uma nova importância, sendo um dos objetivos estratégicos do triênio.

As sistematizações simplificadas e a elaboração dos boletins possibilitaram uma vivência com as famílias de agricultores, e foi interessante alternar com momentos mais coletivos de debates.

O processo ajudou a reforçar a importância dos intercâmbios, revelando questões do tipo: como o agricultor aprende?; Como a sistematização potencializa o intercâmbio?; Como preparar melhor os intercâmbios — tanto quem recebe como quem oferece?

Em termos metodológicos, uma noção boa foi trabalhar com as perguntas orientadoras. É fundamental ter perguntas orientadoras no processo de produção de conhecimento, no processo de aprendizagem.



As diversas falas dos agricultores revelaram coisas que estavam obscuras, que não eram ditas antes. Algumas dessas falas, colhidas durante o processo de sistematização, ilustram os resultados e mudanças percebidos pelos agricultores:



“Acho que uma cultura só não vai à frente. Tem que plantar de vários tipos. Na minha roça tem açai, tem pupunha, tem cacau, cupuaçu, tem seringueira, tem cravo. Tá tipo uma floresta.”

Fortunato

“Com estas experiências novas, deixei de fazer algumas coisas que fazia e comecei a fazer coisas que não fazia. Deixei, por exemplo, de beber sempre e ir para as festas.”

Sr. Albertino



“O que marcou pra mim foi quando um grupo de alemãs visitou a roça e comprou os doces de cupuaçu que eu produzia”

Floriano



“As madeiras, por exemplo, passamos a preservar para o futuro. Semana passada, estávamos na roça e notei que já estávamos aproveitando a madeira do nosso próprio pasto para ajudar na colheita do cravo, não precisando buscar fora.”

D. Hilda

“A terra desprotegida sente igual a uma pessoa careca quando pega sol na cabeça”

Lourival



“Aos poucos, nossa produção sem veneno vai substituindo em nossa mesa os alimentos envenenados que compramos no mercado.”

Rosildo

“Sempre que vivemos e praticamos, já é uma escola de aprendizagem”

“O que eu quero é ficar cada vez mais independente do mercado”

“A gente vê o resultado do trabalho. Ainda que não estejamos ganhando dinheiro, divulgamos nosso trabalho.”

“Temos que contar também que evitamos de gastar dinheiro comprando fora. Estando em casa, eu ganho o dinheiro da minha própria roça. Do meu quintal eu tiro um pouco de tudo pra comer. Com isso, estou deixando de gastar.”

“Eu observo e pratico, troco informações com os vizinhos. Nossos filhos observam tudo e já se educam desta forma.”

Maria Andrelice (Del)

“Valorizar o que a gente tem e o que a gente faz”



Conclusões, aprendizados e recomendações



Os conhecimentos práticos e teóricos - os conceitos, tanto dos agricultores como dos técnicos, devem ser levados em conta no início de um processo de experimentação.

Os princípios difundidos, e não as práticas, é que impulsionaram o desenvolvimento de novas experiências e ampliaram a capacidade dos agricultores de refletir e analisar os seus agroecossistemas.

A adoção de um sistema agroflorestal com um alto grau de complexidade, conforme a experiência de manejo agroflorestal de Ernst Gotsch, mostrou-se pouco apropriado diante da realidade social, econômica e cultural da agricultura familiar local. Muitos dos princípios e práticas apreendidos a partir da implementação do referido manejo agroflorestal foram importantes e necessários para se entender os processos da natureza e, com isso, reforçar a importância da conservação dos recursos naturais, além de provocar mudanças nos sistemas de produção tradicionais. Portanto, a experiência sistematizada nos mostrou que os(as) agricultores(as) não adotam um sistema, mas sim se apropriam de princípios e práticas, que vão sendo introduzidas pontualmente nos seus sistemas de produção, provocando alterações nos subsistemas existentes e no sistema de produção como um todo.

É imprescindível valorizar e estimular os processos de experimentação já existentes nas unidades de produção familiares, resgatando o conhecimento e as inovações tecnológicas desenvolvidas pelos(as) agricultores(as), no que se refere ao manejo sustentável dos recursos naturais e às práticas de manejo agroflorestal. Dessa forma, evitaram-se o surgimento de novas demandas de mão-de-obra e a definição de um desenho de experimentação por outros atores que não sejam os protagonistas do processo de experimentação.







Sasop: breve histórico

O SASOP - Serviço de Assessoria a Organizações Populares Rurais - é uma Organização Não Governamental criada em 1989. Seu objetivo maior é contribuir para a construção de um modelo de desenvolvimento rural sustentável nos aspectos social, econômico, cultural e ambiental. A opção estratégica é o fortalecimento da Agricultura Familiar e a promoção da Agroecologia.

É uma entidade de direito privado sem fins lucrativos, gerida por um Conselho Diretor composto por três membros (Diretor Presidente, Vice-presidente e Secretária) e por uma Coordenação Executiva, constituída por: Coordenador Geral, dois Coordenadores dos Programas Locais e um Coordenador do Programa de Desenvolvimento Institucional.

Desde sua criação, o SASOP vem contribuindo para a constituição e o fortalecimento das relações de intercâmbio entre grupos, organizações locais e ONG's comprometidas em desenvolver uma nova proposta para a agricultura familiar que incorpore a dinâmica social da população envolvida e o uso equilibrado dos recursos naturais, garantindo e potencializando sua sustentabilidade¹.

O SASOP faz parte da Coordenação Nacional da - ANA², articulação que tem como princípio o fortalecimento da agricultura familiar e o desenvolvimento agroecológico. É também integrante de outros espaços importantes de discussão sobre desenvolvimento sustentável: a ASA-BA³, de cuja Coordenação Estadual participa atualmente, a Rede Abelha, a Rede de ONG's da Mata Atlântica e o FBSAN⁴.

No plano nacional, o SASOP integra o CONSEA⁵, órgão de aconselhamento à Presidência da República, como um dos quatro conselheiros do Nordeste. No plano Estadual, o SASOP

vem assumindo a Presidência do CONSEA-BA, representando a ABONGNEZ⁶. Através de ações mobilizadoras regionais e articulações de âmbito estadual, as ações têm buscado influenciar a formulação de políticas públicas de segurança alimentar e nutricional. No plano microrregional, o SASOP integra os Fóruns Territoriais do Sertão do São Francisco e do Baixo Sul da Bahia.

O SASOP vem realizando suas atividades com apoio das seguintes agências de cooperação internacional: CORDAID (Agência Financiadora Holandesa), EED (Agência Financiadora Alemã), ActionAid (Agência Financiadora Inglesa) e Terre Des Hommes (Agência Financiadora Suíça). Na cooperação governamental, o SASOP vem participando, desde 1997, do Subprograma Projetos Demonstrativos (PDA) do Programa Piloto para Conservação das Florestas Tropicais Brasileiras, do Ministério do Meio Ambiente. Atualmente, executa um projeto de Consolidação do PDA. A partir de 2004, ampliou sua cooperação com o Ministério do Desenvolvimento Agrário e da Integração Nacional.

¹ Durante a década de 1990 o SASOP contribuiu com o processo de criação do GARRA - Grupo de Apoio e Resistência Rural e Ambiental em Irecê, do CAA - Centro de Assessoria do Assuruá no município de Gentio do Ouro e do TERRA VIVA - Centro de Desenvolvimento Agroecológico do Extremo Sul, todos no estado da Bahia, além de participar da criação da RIA - Rede de Intercâmbio em Agroecologia da Bahia, inicialmente, dentre elas ONG's, Pastorais e Cooperativas. Ainda nesse ano, em conjunto com outras entidades de assessoria e organizações de trabalhadores que vinham problematizando a questão da comercialização, contribuiu para a criação da CEIA - Central de Informações Agrícolas.

² Articulação Nacional de Agroecologia.

³ Articulação no Semi-árido Brasileiro.

⁴ Fórum Brasileiro de Segurança Alimentar e Nutricional.

⁵ Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional.

⁶ Associação Brasileira de Organizações Não-Governamentais - Regional Nordeste 2.

Missão do Sasop

“Contribuir para o desenvolvimento rural sustentável a partir do fortalecimento da agricultura familiar, com base na agroecologia, favorecendo o protagonismo e conquista da cidadania por agricultores, agricultoras e suas organizações.”

Objetivos Estratégicos

Para a concretização da Missão, três Objetivos Estratégicos norteiam o processo de trabalho da entidade, a serem atingidos a longo prazo:

1. Promover a agricultura familiar em bases agroecológicas como modelo alternativo de desenvolvimento rural no Brasil.
2. Fortalecer as organizações de agricultores e agricultoras familiares, garantindo sua autonomia e capacidade na proposição de políticas públicas voltadas para o desenvolvimento rural sustentável
3. Promover o desenvolvimento institucional do SASOP, visando consolidar sua base social e garantir maior legitimidade e credibilidade diante da opinião pública.

Programas de Ação

A Missão e os Objetivos Estratégicos do SASOP são trabalhados através de três programas: Programa de Desenvolvimento Institucional, Programa de Desenvolvimento Local do Semi-Árido e Programa de Desenvolvimento Local da Mata Atlântica.

O Programa de Desenvolvimento Institucional é trabalhado pelo conjunto da instituição, já que forma a base institucional para se trabalhar a Missão e os Objetivos Estratégicos nos programas locais. Neste sentido, o desenvolvimento institucional abrange não só ações relativas ao aprimoramento organizacional (gestão administrativo-financeira, PMA e comunicação.), mas também ações que promovam a qualificação profissional, que garantam a sustentabilidade institucional no campo político e financeiro, e que fortaleçam a interlocução do SASOP com os Movimentos Sociais.

Os Programas de Desenvolvimento Local no Semi-Árido e na Mata Atlântica são implementados através dos núcleos de trabalho nos municípios de Remanso e Camamu, respectivamente. Existe uma inter-relação entre estes programas e o Programa de Desenvolvimento Institucional, uma vez que a qualidade do trabalho desenvolvido junto aos parceiros locais depende de uma base institucional sólida. Por outro lado, as experiências desenvolvidas nos Programas Locais servem de referência tanto para o diálogo do SASOP com entidades do movimento social e outros atores estaduais e nacionais relevantes ao processo de desenvolvimento, assim como com a cooperação nacional e internacional.

A ação local tem valorizado as potencialidades e as necessidades locais e visa o resgate e a construção do conhecimento agroecológico, o incremento da renda familiar, a segurança alimentar e o fortalecimento das organizações de agricultores familiares para que elas possam protagonizar mudanças que tragam o resgate de cidadania e uma melhor qualidade de vida às pessoas e aos grupos sociais envolvidos.

Os resultados vêm sendo alcançados através da construção de experiências de produção agroecológica, do estímulo ao uso dos recursos locais na alimentação e na saúde, do aprimoramento dos processos de beneficiamento dos produtos da agricultura familiar, e da criação de alternativas de acessos aos mercados.

A integração da unidade familiar é de grande importância para a prática da agricultura a que o SASOP se propõe. Deste modo, mulheres, homens e jovens estão incluídas em todas as etapas da prática agroecológica, desde o plantio até a comercialização, passando pela participação política nas organizações de base e em outras instâncias de representação.

O SASOP tem como estratégia a irradiação das experiências comunitárias para os âmbitos municipal e regional. Desta forma, experiências bem sucedidas, vivenciadas por grupos isolados, transformam-se em propostas concretas para políticas públicas a serem implementadas pelos governos. Através da articulação e mobilização de diferentes atores sociais, o SASOP participa de fóruns e redes que visam intervir na proposição de tais políticas.

Dados de monitoramento participativo da experiência

Sistema Cacau	Convencional	Agroecológico
2000	15 @ - 5 @/ha	24 @ - 9,6 @/ha
2001	25 @ - 8,3 @/há	28 @ - 11,2 @/há
2002	30 @ - 10 @/ha	30 @ - 12 @/ha
Área do Lote	4 há	4ha
Área ocupada com cacau	3 há	2,5 ha
N Pés de Cacau (aproxim.)	2000	2000
Cacau Clonado	500 pés	70 pés

Biodiversidade	Convencional	Agroecológico
Espécies Agrícolas Cultivadas	15	60
Variedades Cultivadas	-	26
Espécies Alimentares	10 (só frutas)	50
Plantas Medicinais	-	25
Essências Florestais	-	21
Nativas Manejadas		

Na comparação entre os sistemas de produção convencional e agroecológico pode-se observar que:

O sistema agroecológico é bastante diversificado, ampliando as fontes de renda e as oportunidades de trabalho no sistema de produção. A produção de alimentos para a família é um fator marcante no sistema agroecológico, reduzindo a necessidade de compra de alimentos no mercado.

O sistema convencional apresenta uma forte tendência à especialização na cultura do cacau, absorvendo toda a mão-de-obra familiar nesta atividade.

Composição do Produto Bruto Total do Sistema (Ano 2000)

No quadro abaixo se destaca a importância das pequenas rendas na composição da renda total, nos sistemas agroecológicos.

Produto	Quantidade	Valor Atribuído
Cacau	24 @	1.120,50
Feijão Mangalô	15 litros	15,00
Fava	18 litros	18,00
Feijão-de-corda	40 litros	20,00
Andu	5 litros	5,00
Aipim	105 kg	52,50
Banana Prata	70 cachos	70,00
Banana da Terra	2 cachos	10,00
Abacaxi	35 cabeças	12,25
Milho	200 espigas	20,00
Quiabo	18 dz	4,50
Inhame	12 kg	6,00
Jiló	15 dz	3,75
Tomatinho	13 litros	6,50
Maxixe	7 dz	1,75
Mandioca	300 kg de farinha	150,00
Amendoim	2 litros	1,00
Batata Doce	5 kg	2,50
Chuchu	15 kg	3,00
Abóbora	15 kg	7,50
Cana	1 cento	30,00
Tempero Verde	100 molhos	25,00
Pepino	5 kg	5,00
Taioba	25 molhos	6,00
Ovos	10 dz	15,00
Galinha	10 unidades	50,00
Couve	25 molhos	6,00
Jaca	-	-
Cravo	110 kg (em 2001)	1.100,00
Lenha	-	-
Geladinho	A partir de 2001	-
Doces	-	-
Viveiro de mudas	-	-

Os gráficos 1 e 2 ilustram a composição da renda familiar da Família de Maria Andrelice comparado a composição da renda familiar de outra família no sistema convencional.

Gráfico 1 - Composição da Renda Familiar Total do Sistema Agroecológico

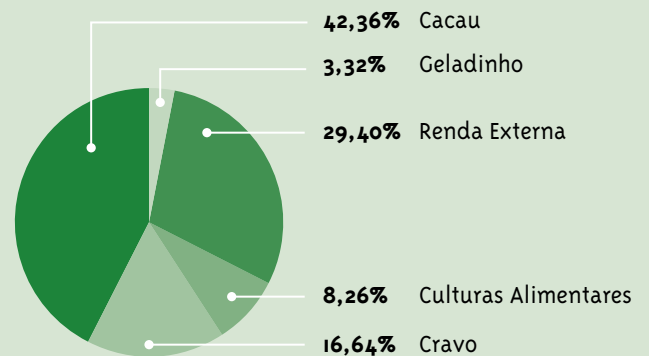
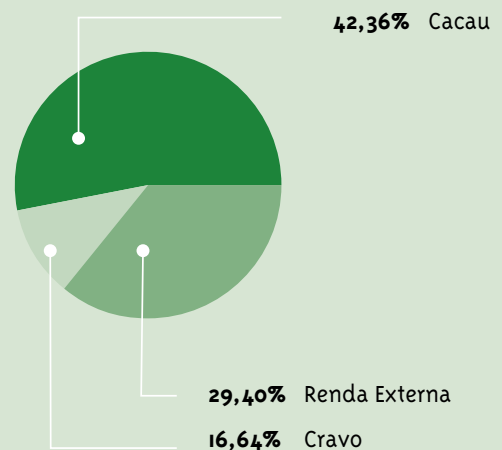


Gráfico 2 - Composição da Renda Familiar Total do Sistema Convencional



Recuperando o solo através da agrofloresta: a experiência de Seu Antônio e Dona Marisa

Seu Antônio e Dona Marisa moram no assentamento Dandara dos Palmares com cinco filhos. Antes, Seu Antônio morava na Pimenteira, onde acompanhou todo o processo de ocupação.



Nós viemos de uma longa história que veio desde a ocupação da Pimenteira. Sempre começávamos queimando tudo para fazer as roças, conta Seu Antônio.

Na Pimenteira, Seu Antônio começou a experimentar o manejo agroflorestal em parte de sua área, em mutirão junto com outros agricultores, incentivados pelo SASOP e CEPLAC.





O que incentivou Seu Antônio a se envolver com este trabalho foi perceber que a terra estava enfraquecida com a utilização de adubos químicos e venenos. Além de achar importante a preservação da terra.

Seu Antônio participou de algumas visitas onde pôde observar o manejo agroflorestal de outros agricultores em diferentes realidades.

Segundo ele, as visitas sempre orientam e animam as pessoas. **Este tipo de manejo mexe com a realidade e dá respostas para o nosso trabalho.**

Nas visitas conheceu diversas experiências e percebeu que este tipo de manejo trazia bons resultados para a realidade dos agricultores familiares.

O quintal da casa é cuidado por Dona Marisa, que cultiva principalmente hortaliças e plantas medicinais.

Hoje, no Dandara, a família possui quatro hectares, onde plantam; cravo, cacau, guaraná, café, banana, jaca, mandioca, etc.

Seu Antonio participa no Dandara de um grupo de agricultores que trabalham em mutirão com manejo agroecológico.

Esta iniciativa começou por meio da mobilização de algumas lideranças da comunidade, que, como Seu Antônio, vieram da Pimenteira, de onde trazem bons resultados.

O grupo está buscando certificar sua produção como orgânica. Outra idéia é construir um secador de frutas coletivo. Outros agricultores começam a acreditar na proposta e Seu Antônio acredita que o grupo ainda vai crescer.

Histórias da Agricultura Familiar



Dona Benedita, alegria de trabalhar com o manejo Agroflorestal

Dona Benedita é agricultora e mora na comunidade da Pimenteira com sua família em uma área de mais ou menos dez hectares.

Ela participou da ocupação da terra e conta que o trabalho dos agricultores familiares na região começou com grandes conflitos de terra. Os agricultores trabalhavam com o manejo convencional queimando tudo. O SASOP e a CEPLAC acompanharam então o trabalho da comunidade e organizaram algumas reuniões para discutir outras formas de cultivar a terra.

Antes, trabalhávamos queimando e capinando, achávamos que assim a terra estava limpa. Quanto mais limpava, mais as formigas atacavam. Nas reuniões, discutíamos sobre plantar sem queimar e como fazer. Hoje, as formigas já não atacam mais.

Nas reuniões, também eram discutidas técnicas sobre o manejo agroflorestal, e a idéia de alguns agricultores foi experimentar o trabalho em parte de sua área. Foram implantadas então as áreas experimentais em uma parceria entre os agricultores, SASOP e CEPLAC.



O trabalho era em mutirão, todas as semanas, entre agricultoras e agricultores da comunidade e alguns técnicos. Quando o pessoal do SASOP não vinha, fazíamos o mutirão mesmo assim.

Quem começou participando foram Bel, Tonico e Del. Depois tiveram uns cursos. Então começamos a chamar o povo e fomos mostrando como se fazia. A idéia foi sendo passada nos mutirões. Era como uma troca de presentes, uns trabalhavam para os outros. Trocávamos sementes.

Dona Benedita participou também de visitas a agricultores de outras regiões e comunidades, onde teve a oportunidade de observar como outros agricultores manejavam suas áreas e trocar muitas experiências. Hoje recebe também visitas de outros agricultores, estudantes e técnicos. O que, para ela, é uma oportunidade de aprender e ser incentivada a experimentar cada vez mais.

Muitas coisas fomos adaptando na caminhada. Por exemplo, em uma época veio uma proposta de construir um viveiro de mudas. Eu percebi que o viveiro secava muito as plantas, então comecei a plantar no pé das árvores.

Dona Benedita incorporou, em sua roça, muitas das práticas que aprendeu em sua roça. Como por exemplo, fazer compostagem com os restos culturais e adubar as plantas. Hoje eu indico para outros companheiros como plantar, e quero aprender sempre mais e mais. O trabalho é muito bom com a agrofloresta.

A área era de madeira alta, juntamos o pau todo, ajeitamos em cima da terra, arrumamos todo pau na área. Tinha que deixar todo o solo coberto. Depois, plantamos feijão de porco e corda, aipim, batata, salsa, banana. Depois cacau, cupuaçu, açai, urucum, noz-moscada, canela, jacarandá, paineira, sapoti, jabuticaba, amora, etc. Na roça, Dona Benedita planta um pouquinho de tudo. No verão, é necessário comprar algumas coisas fora da propriedade. No resto do ano quase nada.

Dona Benedita considera muito importantes as reuniões para organizar o trabalho da produção e outras atividades na comunidade, procurando sempre estar presente e contribuir com estes momentos.

Seu Lourival e Dona Laurenita diversificam a roça a partir da experiência agroflorestal

Seu Lourival,
Dona Laurenita
e o filho moram
e trabalham
em sua
propriedade no
Marimbondo.



Seu Lourival já praticava o manejo consorciado de cacau com seringueira antes de iniciar a discussão sobre o manejo agroflorestal na comunidade. Quando começou a participar das reuniões para discutir as propostas da experimentação com os sistemas agroflorestais, Seu Lourival passou a conhecer: o consórcio de mais de duas culturas, o manejo com facão e a possibilidade de não utilizar agrotóxicos nem queimadas.

Dona Laurenita não chegou a participar do processo de experimentação.



Seu Lourival participava dos mutirões que aconteciam todas as quintas feiras junto com o pessoal do SASOP e alguns vizinhos. O SASOP levava as mudas que eram trocadas entre os agricultores por mudas de espécies arbóreas que depois seriam trocadas novamente com outras comunidades.

Nos mutirões aconteciam discussões sobre o manejo como, por exemplo: o espaçamento, importância do sombreamento para o mato não crescer, importância de cultivar algumas plantas que produzissem massa verde para cobrir o solo, etc. Outras informações sobre o manejo, além das compartilhadas com o SASOP, eram trazidas pelo Jafa da CEPLAC.

Tivemos alguns cursos sobre o controle de formigas, mas concluí que para formigas não tinha jeito. Não dá conta de controlar de forma natural.

Além da área demonstrativa, Seu Lourival também estendeu a experiência para outras partes de sua

área. Diversificou sua produção, plantando, por exemplo: canela com cupuaçu e cacau, em uma parte; café, seringa, banana e cupuaçu, em outra.

Alguns vizinhos que não participaram da implantação das áreas demonstrativas também incorporaram algumas práticas em suas áreas, conta Seu Lourival.

Hoje ele e Dona Laurenita produzem: seringa, pimenta-do-reino, côco, mandioca, cravo, guaraná, café, milho, feijão cupuaçu, tomate, folhosas, batata, banana, inhame e algumas plantas medicinais.

Com o passar do tempo, Seu Lourival percebeu que os resultados do manejo agroflorestal dão um retorno muito lento. O serviço é bom, mas muito demorado para ter retorno. A rotação de culturas é importante, mas tem sempre que usar adubos.

Ele acredita que não foi possível expandir a experiência por não ter tido retorno financeiro. Ao mesmo tempo, pensa que o trabalho foi importante por trazer novas informações que acrescentaram seu conhecimento. Até hoje, no Marimbondo, o pessoal se organiza em mutirão, mas Seu Lourival já não participa mais.



PPDA

STR/Camamu

Associações Comunitárias

Bel e Dona Andrelita solidificam e ampliam o manejo agroflorestral no Dandara dos Palmares

Seu Almerindo Ursulino, mais conhecido como Bel, e Dona Andrelita moram e trabalham atualmente no assentamento Dandara dos Palmares com cinco filhos, em uma área de aproximadamente cinco hectares.

A experiência com sistemas agroflorestrais começou desde a época em que a família morava na Pimenteira, em áreas demonstrativas. Primeiro aconteceram algumas reuniões onde foram discutidas as propostas de trabalho com os agricultores, o SASOP e a CEPLAC. Formou-se então o grupo do mutirão. Decidimos que tocaríamos os mutirões mesmo quando o pessoal do SASOP e CEPLAC não aparecessem.

Antigamente cuidávamos do roçado queimando e desmatando, aumentando o carrasco, secando as nascentes e cansando o terreno.

De um certo tempo para cá, desde que o SASOP apareceu com a proposta do trabalho, começamos a preservar as nascentes, cobrir o terreno. O terreno ficou mais rico. Antes,





capinava só de enxada, o que ajudava a ressecar o terreno. Podando e cobrindo o solo, as folhas servem de adubo, conta Bel.

No começo da experimentação, Bel manejava somente a área demonstrativa no sistema agroflorestal. Depois, a experiência adquirida foi expandida para toda sua área na Pimenteira. Quando a família chegou no Dandara, a implantação da roça foi de acordo com o manejo agroflorestal. A diferença foi que passaram a cuidar de sua roça sozinhos e não mais em mutirão.

A vinda da família ajudou a disseminar no Dandara as propostas do manejo agroecológico. **Ao chegarmos aqui, eu e Del fizemos umas reuniões para passarmos nossas experiências para os outros. Hoje alguns vizinhos compartilham com as propostas do manejo.**

A compostagem não foi uma prática adotada pela família no início da implantação do sistema. Foi aprendida com o passar do tempo e com as trocas de experiências.

Bel conta que participou de duas visitas organizadas pelo SASOP, uma no Garcia e a outra em Itacaré. A conservação e o cuidado com as matas em Itacaré chamaram a atenção na visita. Bel voltou pensando em como poderia realizar um projeto para preservação das matas em Camamu.

No inverno a produção da roça sustenta a família. Já no verão é necessário comprar alimentos fora, principalmente pela dificuldade em obter água para as plantas. **Plantamos a mandioca em todas as falhas do cacau. No quintal, temos tempero e plantas medicinais.**

A produção é de cravo, cacau, mandioca, banana, leguminosas, folhagens, ervas medicinais. Tem plantas como o cupuaçu, café, etc que ainda não estão produzindo.

Com o manejo agroflorestal coletivo, Dona Lica e Seu Albertino ampliam seus conhecimentos



Seu Albertino e Dona Lica fazem parte do grupo de famílias que participou de todo o processo de ocupação do Marimbondo.

Hoje vivem na comunidade, com os netos, em uma área total de 15ha.

Participaram também de toda a mobilização na comunidade para implantação das áreas experimentais.

Me perguntaram se eu estava disposto a fazer o trabalho, então cada um escolheu sua área para começar a experimentação. Foram trazidas mudas de abacaxi e outras plantas para começar o plantio. Quando Luisinho (do SASOP) vinha, tinha uma reunião onde discutíamos as propostas. No princípio o trabalho era individual depois começamos a trabalhar em coletivo através de mutirão, conta Seu Albertino. Destinaram para experimentação quatro hectares de sua área total.

Com o passar do tempo algumas pessoas desistiram do trabalho, pois achavam que o projeto tinha o objetivo de fornecer financiamentos. Ao perceberem que a proposta não era esta, se desestimularam, não enxergando resultados. Para mim, o trabalho tem resultado sim, mas tem que se dedicar somente para isso, acrescenta.

As informações sobre o manejo vieram, além do Jafa e do SASOP, de outras fontes. Como, por exemplo, visitas a outros agricultores que já haviam adotado esta prática. De tudo que Seu Albertino pode observar com o manejo agroflorestal algumas das práticas não adotou em sua área, outras, sim.

Um dos aspectos que lhe chamou a atenção foi a organização da feira. Além da feira agroecológica ser separada da feira convencional, todos os produtos que não são vendidos são trocados entre os próprios agricultores.

Com estas experiências novas deixei de fazer algumas coisas que fazia antes e comecei a fazer coisas que não fazia.

Seu Albertino já recebeu também algumas visitas em sua área.

Na roça produzem mandioca, banana, cravo, guaraná, limão dendê, côco verde e seco, jaca, seringa, cupuaçu, cacau, cajú, pimenta-do-reino, etc. Fazem também farinha, que representa o maior sustento da família. A casa de farinha é comunitária. Na área demonstrativa, a diversidade é ainda maior. Além das culturas citadas, tem: manga, açaí, mangostão, jabuticaba, fruta-pão, cravo, jambo, noz-moscada, jacarandá, paineira, café, imburana, abio, jamelão, dendê, etc.

O cacau, a seringa e o côco são culturas em que estão investindo para o futuro. Metade já está produzindo.

Dona Lica conta que a área já não produz mais como antes. A produção hoje é para se alimentar, tem muitas dificuldades para comercializar. Antigamente plantava e tudo dava, hoje da muito bicho que come tudo, conta Dona Lica.



Ela aprendeu a plantar no dia-a-dia experimentando, trocando informações com os vizinhos e pela herança de seus familiares.

Antigamente o cultivo era somente na enxada. Após os financiamentos se investiu muito em adubos. Depois desta época apareceram cupins e a terra parecia mais fraca, acrescenta.

As técnicas aprendidas no manejo das AD's aos poucos estão sendo incorporadas no resto da área e trazendo resultados, principalmente na recuperação do solo.

Hoje, a família trabalha somente em sua área. Não presta mais serviços fora.

A Experiência de Manejo Agroflorestal de Alinaldo

Alinaldo é um jovem agricultor, solteiro, que trabalha na terra de seu pai, Sr. Almerindo, na comunidade da Pimenteira.

Antigamente, sempre trabalhava em mutirão, quando o grupo chegou a ter 17 pessoas participando e até o cravo era colhido em mutirão. A prática de antigamente era sempre desmatar, fazer a coivara e queimar. Então, o SASOP e o Jafa da CEPLAC, chegaram propondo uma experiência de plantar sem queimar. A primeira área aberta na Pimenteira foi a de Tônico e Bel. Depois vieram as outras áreas.

Alinaldo participou da implantação das primeiras áreas através do mutirão, e em seguida implantou a sua área demonstrativa de agrofloresta.

No início, Alinaldo plantou feijão-de-porco para recuperar a terra que estava cansada. Em seguida, plantou abacaxi e várias mudas de frutas e árvores nativas como mangustão, cupuaçu, açai, jaca, canela, jabuticaba, nós-moscada, jambo, pequi, jacarandá, pau d'arco etc.

À medida que o manejo foi evoluindo, Alinaldo foi desenvolvendo outras experiências como o uso de capim eucalipto para controlar o mato através da competição, e para





a cobertura do solo. Segundo Alinaldo, o capim eucalipto tem uma capacidade de produção de biomassa e rebrota maior que o capim santo, porém inferior ao capim Guatemala, ainda bastante utilizado. Outra inovação do agricultor é o uso dos restos de culturas e alimentos (como a casca de banana e outras frutas, casqueiro de cacau, cabaças de cupuaçu etc) ao redor das plantas novas. Alinaldo adora fazer experiências e vem realizando várias inovações em sua agrofloresta, a partir dos conhecimentos adquiridos nos mutirões de trabalho e nas trocas de experiências. A maior parte das sementes de frutas e árvores nativas foram adquiridas na comunidade, pela coleta do próprio agricultor ou em processos de troca com outros agricultores.

Por ser um experimentador nato e pelo seu interesse em aprender e em multiplicar os seus conhecimentos, Alinaldo foi convidado a fazer um estágio de uma semana na Fazenda do Sr. Ernst Gotsch, um suíço com larga experiência em sistemas agroflorestais. A partir de então, ganhou uma nova motivação e

desenvolveu novas experiências a partir da interação com o suíço. O agricultor participou do treinamento sobre secagem de frutas no secador da comunidade da Tabela e aprendeu esta nova técnica de transformação de frutas frescas em frutas passas.

Alinaldo tem recebido muitas visitas de outros agricultores da Pimenteira, de agricultores de outras comunidades, estagiários e técnicos do SASOP e de outras entidades. O agricultor fica muito alegre ao receber os visitantes, pelo reconhecimento e valorização do seu trabalho e pela oportunidade de trocar novos conhecimentos com os visitantes. Alinaldo também foi a Itamaraju conhecer a experiência de outros agricultores com sistemas agroflorestais, acompanhados pelo Terra Viva. Participou do ENA no Rio de Janeiro. A partir da experiência com a área demonstrativa e das trocas de experiências, ele foi ampliando as suas áreas segundo os princípios e práticas do manejo agroflorestal. Hoje Alinaldo já maneja uma área de mais de um hectare com sistema agroflorestal.

Aprendendo, experimentando e disseminando conhecimentos agroecológicos: A experiência da família de Del



Dona Maria Andrelice (Del) e Seu Evangelista (Vangio) moram e trabalham no Assentamento Dandara dos Palmares com seus três filhos.

A proposta surgiu em 1997, quando o SASOP chegou através de Luisinho e do contato com outras entidades como o Sindicato dos Trabalhadores Rurais e CEPLAC.

A princípio participavam do trabalho acompanhando o mutirão da Pimenteira, mas não tinham área.

Na Pimenteira, Del acompanhou a experiência em diversas áreas demonstrativas, através do mutirões, e aos poucos foi gostando e incorporando o manejo.

Uma das visitas de que participou foi ao Centro SABIÁ em Pernambuco. O trabalho lá estava mais avançado (já tinha três anos) e conheceu várias experiências interessantes. Trouxe sementes de inhame de D. Lourdes (uma agricultora da região), que tem até hoje na sua roça. Foi uma coisa muito boa ver uma experiência e depois trazer os resultados. Beneficiou junto com D. Lourdes doces e geléias de manga, jaca, abacaxi e cajú. Participou da prática de criação de abelha.

O trabalho na Pimenteira iniciou com 15 pessoas. Todo mundo queria. Era o projeto para desenvolver um trabalho e não para conseguir dinheiro. O SASOP trouxe a idéia, mas se os agricultores não acreditassem, não haveria parceria.





Em 1999, Del foi para o assentamento Dandara dos Palmares aonde se assentou em um lote de 4 hectares e desenvolveu o trabalho. No começo as pessoas diziam **Del e Vangio, vocês tão loucos? Plantar milho, feijão, aipim e outros sem queimar? Só roçando?**

O manejo é através da capina seletiva, observando o que as formigas mais gostam. **É coisa que a gente vê, que vai sentindo e mostrando para o nosso colega, o que está acontecendo em nossa vida.** Antes era uma área que só tinha cacau. Hoje tem abacaxi, laranja, cupuaçu, açaí, canela, Jussara e outros. As pessoas da comunidade passam e vêem o resultado. Hoje já tem Almerindo Filho, Alenival, Floriano, Otávio, Rosildo várias pessoas na comunidade fazendo o manejo e diversificando o seu lote. Del dava semente pra um e pra outro, as pessoas foram experimentando.

No dia a dia, através do contato com as entidades, através da nossa prática e na troca de experiência, a gente vai vendo os resultados, e melhorando o sistema. Hoje tem uma roça comunitária criada por Del e outras mulheres e algumas famílias fazendo agroecologia no assentamento.

Del e sua família já colheram muitos alimentos do seu sistema agroflorestal, como feijão-de-corda, andu, aipim, quiabo, inhame, jiló e etc. Demonstrando a importância das pequenas rendas na composição da renda total da família.

Além da visita ao Centro Sabiá, Del conheceu muitas outras experiências, como a dos agricultores do extremo sul da Bahia, acompanhados pelo Terra Viva. Fez um estágio de uma semana na propriedade do Sr. Ernst Gotsch, participou do Encontro Nacional de Agroecologia (ENA) e outros.

Em sua propriedade tem recebido diversas visitas de estudantes, técnicos e outros agricultores. Sua experiência com sistema agroflorestal é bastante inovadora, seja pelas práticas de manejo que levam em conta os princípios da sucessão vegetal, pela diversidade de plantas presentes no sistema ou pela produção de alimentos e plantas medicinais no sistema, garantindo a segurança alimentar e a saúde de sua família.

A Conquista e a Organização das Mulheres no Assentamento Dandara dos Palmares

A conquista da terra no Assentamento Dandara dos Palmares teve uma participação decisiva das mulheres na organização, na ocupação e nas dificuldades enfrentadas no início do acampamento.

Assim que o acampamento se formou, vieram muitas famílias com crianças de zero a cinco anos de idade, e com sintomas de desnutrição. Com o acompanhamento do peso das crianças, foi verificado um baixo peso. Como o único cultivo da fazenda era o cacau, resolveu-se então fazer uma roça para produzir culturas de pequenos prazos (mandioca, aipim, milho, e outros), para produzir mais alimentos e mais saúde.

A formação do grupo das mulheres foi motivada por uma liderança do assentamento que há tempo vem participando da Pastoral da Criança, e que em seguida assumiu a função de Agente Comunitária de Saúde do Assentamento. Então, o grupo de mulheres se organizou e pediu para a Associação um lote de quatro hectares para poder produzir os alimentos (culturas de pequenos e longos prazos).





Em Assembléia foi aprovado a doação da área para as mulheres. Com o apoio de alguns companheiros e de algumas entidades como o SASOP e a Pastoral da Criança se começou a trabalhar o roçado.

A Pastoral da Criança entrou com um apoio de sementes, insumos e ferramentas para o início dos trabalhos. Foi elaborado um projeto de geração de renda através de um Fundo Rotativo.

A Roça das Mulheres começou com 20 mulheres, mas hoje o grupo foi reduzido para seis mulheres. As dificuldades de participação são muitas. Algumas mulheres têm filhos quase todos os anos, e muitas não têm uma renda garantida o ano todo e precisam trabalhar fora ou com o marido para completar a renda.

Na área já havia sido plantado cacau antes, mas já tinha virado capoeira pelo tempo de abandono. Então, resolveu-se implantar um roçado com o manejo agroflorestal. De início houve uma certa resistência por parte das companheiras por não conhecerem este tipo de manejo. O grupo discutiu sobre as diversas possibilidades de manejo. Foram feitas experiências queimando a terra em uma parte e roçando o mato e deixando sobre a terra sem queimar em outra área. Até que as companheiras se convenceram que o melhor manejo era o agroflorestal.

Todo o manejo do roçado é feito em mutirão. No início, em 2000, foi usado um pouco de adubo químico e calcáreo. Hoje tem um pouco de torta de mamona para ser usado no plantio de cupuaçu. O manejo é feito roçando o mato e cobrindo a terra, deixando algumas plantas

nativas para proteger a terra.

Na roça das mulheres foi produzido feijão, banana da terra e mandioca para fazer farinha. Metade da produção é vendida para o grupo pagar o projeto, e a outra metade é dividida entre as famílias do grupo e entre outras famílias mais necessitadas. A farinha é feita fora do assentamento pois não tem casa de farinha no assentamento.

Foi implantado um viveiro para a produção de mudas de frutas com o apoio do SASOP. As sementes foram conseguidas na própria comunidade com o apoio de alguns agricultores.

Também foi plantado na área gergelim, urucum, cupuaçu, café, milho, cana, abacaxi, plantas medicinais e temperos verdes. Plantaram ainda alguns pés de graviola e pimenta Jamaica.



PPDA

STR/Camamu

Associações Comunitárias

Experimentando, Seu Fortunato descobre seu jeito de manejar a agrofloresta

Seu Fortunato é um agricultor da região da Beirada e nos últimos tempos mora e trabalha na comunidade do Garcia .

Seu Fortunato acompanhou o trabalho desde o princípio quando o SASOP, através de Luizinho, e a CEPLAC, através de Jafa, começaram a propor a discussão e experimentação do manejo agroflorestal com a comunidade.

No começo participaram das reuniões 19 pessoas. Depois que o pessoal descobriu que a proposta não era para receber crédito muitos desistiram.

As implantações das áreas experimentais foram em forma de mutirão toda as quartas feiras, com a participação dos agricultores e a colaboração dos técnicos do SASOP e Jafa que levavam as mudas e algumas orientações.

Para Seu Fortunato o trabalho é vantajoso em alguns aspectos e desvantajoso em outros. O tempo que se gasta com o manejo agroflorestal é muito. O trabalho é devagar,





tem muitas plantas juntas. Ainda mais depois de um tempo que passei a trabalhar sozinho. Quem não tem dinheiro para manter é muito complicado.

Passado o tempo muitos vizinhos abandonaram a idéia e atualmente, além de Seu Fortunato são poucos os que experimentam e praticam a agrofloresta.

Os vizinhos não acreditam na proposta, a maioria queimou e passou a enxada que é mais fácil.

Um dia vou convidar os outros agricultores para visitarem a minha área.

Seu Fortunato também teve a oportunidade de participar de visitas a outros agricultores que também praticam o manejo

em outros lugares. Assim como recebe visitas em sua área, o que para ele é muito importante.

Seu Fortunato começou a experiência por conta própria, principalmente por acreditar que estas práticas preservam o solo. Passei a experimentar pois é bom pro solo não botar enxada nem queimar. Tem gente que não faz o manejo completo, mas acompanha. Outros acham o trabalho bom, mas não se dedicam. Hoje minha área está muito bonita. Tenho açaí e um bocado de frutas que ainda não estou colhendo, mas vou colher.

Marilene, esposa de Fortunato, não acreditava na proposta. Hoje já vê alguns resultados. Algumas

práticas utilizadas na área experimental foram incorporadas no resto da propriedade, mas Seu Fortunato nota a diferença principalmente em relação à diversidade.

Uma das práticas que adaptou ao seu modo no decorrer do tempo foi em relação ao espaçamento, principalmente do abacaxi, para facilitar o manejo.

No meu conhecimento no manejo agroflorestal, tem que plantar todo tipo de pé de árvore e tomar muito cuidado. Cobrir sempre os pés de árvore e o solo. Na minha área experimental o manejo é agroflorestal. No quintal não. Descobrimos que no quintal é melhor usar enxada mesmo.



STR/Camamu

Associações Comunitárias

Seu André e Dona Ilda manejam as espécies nativas, contribuindo com a sustentabilidade da roça

Há 59 anos Seu André e Dona Ilda se mudaram para a comunidade da Tabela, onde vivem e trabalham como agricultores até hoje, em uma área de 20 hectares. Desde então, sempre acompanharam a Associação Comunitária de pequenos produtores da Tabela.

O trabalho com o manejo agroflorestal começou em parceria com o SASOP com a proposta de implantação de áreas experimentais. Seu André começou plantando abacaxi, graviola, pau-d'arco e outras mudas.

No início da implantação das áreas demonstrativas todo nosso trabalho era em mutirão. Percebi que cobrir o solo é uma prática que vale a pena e plantar árvores no meio do cacau é importante. Das práticas que utilizava na minha área o principal que absorvi foi a conservação do solo.

Com o passar do tempo, Seu André percebeu que o solo da região era bem mais fraco do que o de outras regiões que também implantaram as





áreas demonstrativas e acabou desistindo de manejar a área.

Surgiu então a idéia de, junto com a associação, construir um secador de frutas em parceria com o SASOP e associações de outras comunidades, como projeto piloto. Na prática do dia-a-dia as outras associações tiveram problemas para viabilizar o trabalho, principalmente de transporte e naturalmente se afastaram, permanecendo somente os agricultores da Tabela.

No início achávamos que a demanda seria grande e só iria aumentar. Hoje o secador está desativado. Faltou alguém para comercializar, um revendedor. Antes vendíamos até em Salvador; depois, ficamos com o comércio local. Mas já está na hora de retomarmos o trabalho no secador.

Durante todo o trabalho, Seu André teve a oportunidade de participar de algumas visitas onde pôde aprender muito. Uma das coisas que lhe chamou a atenção na visita ao Centro Sabiá, em Recife, foi o trabalho de recuperação de áreas degradadas.

Outra prática que Seu André trouxe das visitas e de sua área experimental, ampliando para o resto de sua propriedade, foi introduzir espécies arbóreas entre outros cultivos. Hoje aproveita as árvores para diversos fins, até mesmo na colheita do cravo.

Entre os vizinhos da comunidade, muitos discordam do manejo. Ao mesmo tempo, outros incorporaram algumas práticas no seu trabalho como, por exemplo, consorciar o plantio com espécies arbóreas. As

informações sobre o manejo são socializadas principalmente durante o trabalho em mutirão.

Eu percebi que o trabalho não ia trazer prejuízos, só acrescentaria. Senti que a realidade era aquela mesmo, que o manejo só traria facilidades. Hoje enxergamos os resultados.

Em algumas áreas Seu André identifica seu manejo como agroflorestal; em outras, não. Na área do dendê, por exemplo, faço um manejo agroflorestal, pois mantenho a prática de recuperação do solo. Já no cacau utilizamos produtos químicos, tem que colocar adubo. Quer dizer, somente na área do dendê utilizamos o manejo agroflorestal. Meu manejo é e não é agroflorestal.

Para Dona Ilda o trabalho com o SASOP foi um passo importante. Até hoje tenho saudades daquela época em que começamos o trabalho, muitas coisas aconteceram. As áreas plantadas foram uma experiência para muitos, não tínhamos muito conhecimento. As madeiras, por exemplo, paramos de tirar. Semana passada estávamos na roça e notei que já estávamos tirando a madeira do nosso próprio pasto para ajudar na colheita do cravo. Esta idéia de deixar as madeiras passou também para vários vizinhos.

Para Dona Ilda, o principal em todo o trabalho foi o incentivo ao trabalho coletivo e a organização do trabalho das mulheres. Elas se animaram mais no trabalho em conjunto. A visita a Itacaré e o contato com o MMTR (Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais) foi importante para estimular a organização das mulheres, acrescenta.



PPDA

STR/Camamu

Associações Comunitárias



PDA - Projetos Demonstrativos

W3 Sul, Qd. 514, Bl. B, Lj. 69,
2º andar, s/ 203
Brasília - DF
CEP: 70380-515

Telefone: (61) 4009-9256
Fax: (61) 4009-9271
www.mma.gov.br

SASOP - Serviço de Assessoria a Organizações Populares Rurais

Rua Conquista, 132 - Parque Cruz Aguiar
Rio Vermelho - Salvador/BA
CEP: 41.940-610
e-mail: sasop@sasop.org.br

Telefone:
(71) 3335-6029 / 3335-6048 / 3335-6049

Coordenador Executivo:

Carlos Eduardo Oliveira de Souza Leite
(caesleite@sasop.org.br)



Ministério do
Meio Ambiente



Apoio:

